BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFE

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXXVI • ABRIL DE 1961 • N.º 410

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Editado, mensalmente, pela SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ em continuação à "Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo")

Sede: Rua 15 de Novembro, 111 - 19.º and.

SÃO PAULO - BRASIL

Ano XXXVI	ABRIL DE 1961	N.º 410

Sumário

COLABORAÇÕES:

J. L. Vasconcelos Rocha e A. Carvalho — Estudos de produção de progênies de café

Valter Lazzarini — Programa de melhoria da cafeicultura brasileira

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

Política cafeeira do Brasil — (Palestra pronunciada pelo eng. agrônomo Ruy Miller Paiva, no Centro de Debates Agronômicos, durante o Curso Sôbre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, patrocinado pela Sociedade Paulista de Agronomia e realizado nos meses de outubro-novembro do ano último.)

A polpa do café como adubo — E. Malavolta

Reduz o Japão as tarifas aduaneiras sôbre o café

ATOS OFICIAIS:

Novo Gerente da Superintedência dos Serviços do Café

Instituto Brasileiro do Café: Portaria — 11-3-1961.

Resoluções n.ºs 184, 185 e 186, de 28 de fevereiro, 22 e 29 de março de 1961, respectivamente.

Quotas de exportação do Convênio Internacional do Café.

Junta Administrativa do I.B.C. — Resoluções n.s 168 e 169, de 17 de março de 1961.

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Bureau Pan-Americano do Café — N. Y. — novembro de 1960.)

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 423, março de 1961

Quadros diversos sôbre o movimento cafeeiro

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA:

CAFEEIRO EM PRODUÇÃO — Preparo do terreno para plantio, sementes selecionadas, plantio em nível, espaçamentos, mudas bem desenvolvidas, adubações, poda, irrigação e outras práticas culturais são fatôres decisivos para que os lavradores obtenham resultados compensadores com a cultura do cafeeiro, logo nos primeiros anos.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

ESTUDO DA PRODUÇÃO DE PROGÊNIES DE CAFÉ

J. L. Vasconcelos Rocha (Eng. agrônomo, Estação Experimental "Hélio de Moraes", Jau) e

A. Carvalho (Eng. agrônomo, Secção de Genética, Instituto Agronômico, Campinas)

(continuação)

O terceiro lote composto de 20 progênies foi plantado em 1947 e as suas produções, no período 1949-54, acham-se no quadro 3. No geral, o número de falhas foi pequeno, a não ser para a progênie J 45 e as progênies tanto de **Amarelo de Botucatu** como de **Bourbon Vermelho** e derivados híbridos desta variedade deram produção reduzida. Neste lote apenas se sobressaiu a progênie **Mundo Novo** CP 403, com produção quase que o dôbro das demais. Trata-se de café oriundo do sítio Bacurí, de propriedade do sr. Pedro Mazaro, de Urupês.

O quarto lote, plantado em 1948, encerra apenas 8 progênies e os resultados das produções controladas em 1950/55 acham-se no quadro 4.

Nesse conjunto, as progênies de **Bourbon Amarelo** são mais produtivas que as de **Typica** e entre elas se destacam as de n.º C 907, café **Java Amarelo**, de sementes provindas de Indiana e a de prefixo J 47, selecionada em Jaú.

No lote instalado em 1950, com produções controladas de 1952 a 1957, quadro 5, notou-se que as produções de café **Sumatra** foram boas, sobressaindo a progênie de prefixo J 53, com produção bem mais elevada que as demais.

Quadro 3 — Produção média, em kg de fruto maduro, no período 1949-1954, variabilidade, limites de confiança, tipo e tamanho das sementes, do lote de progênies plantado em 1947.

Progênie	Produção média	Graus de liberdade	Êrro da média	Diferença mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
						Chato	Moca	Concha	
	kg		kg	kg	kg	%	%	%	
Amarelo Botucatu									
J 37	10,50	19	0,8028	1,3880	9,11–11,89	74,3	21,8	3,9	17,47
J 38	5,50	19	0,8840	1,5284	4,37– 7,43	74,3	23,0	2,7	17,47
J 39	9,17	19	0,8300	1,4351	7,73–10,61	76,4	20,4	3,2	17,89
J 40	6,56	15	0,9442	1,6551	4,90– 8,22	72,6	24,8	2,6	16,82
J 41	8,61	17	0,4893	0,8514	7,76– 9,46	69,7	27,7	2,6	17,39
J 42	5,95	19	0,4669	0,8073	5,14– 6,76	72,2	24,0	3,8	17,30
J 44	5,75	15	0,7331	1,2851	4,46– 7,04	75,6	19,9	4,5	16,62
Typica									
J 45	5,06	15	0,6800	1,1920	3,87– 6,25	50,3	43,8	5,9	16,56
Bourbon Vermelho									
(357 × 358)–10	5,95	19	0,3872	0,6695	5,28– 6,62	78,4	18,8	2,8	17,18
(357 × 358)–20	7,25	19	0,6407	1,1078	6,14– 8,34	78,2	19,3	2,5	17,05
370–1	7,78	8	0,8333	1,5499	6,23– 9,33	77,5	21,1	1,4	16,74
370–10	8,35	19	0,4669	0,8073	7,54– 9,16	82,2	16,5	1,3	16,78
370–13	8,55	19	0,4008	0,6930	7,86– 9,24	83,7	14,8	1,5	17,51
376–11	9,10	19	0,4701	0,8128	8,29–10,72	79,5	17,9	2,7	17,90
837	6,05	19	0,5208	0,9005	5,15– 6,95	78,4	18,8	2,8	16,47
842	8,20	19	0,4944	0,8548	7,35– 9,05	79,6	17,9	2,5	17,31
848	9,15	19	0,7379	1,2758	7,87–10,43	76,0	19,4	4,6	17,58
852	8,70	19	0,4868	0,8417	7,86–10,38	79,5	17,9	2,7	17,11
855	8,85	19	0,4195	0,7253	8,12– 9,58	79,8	17,6	2,6	17,14
Mundo Novo									
P 403	15,40	19	0,9937	1,7181	13,68–17,12	78,1	18,8	3,1	17,80

g de fruto maduro, no período 1950–1955, variabilidade, limites de confiança, tipo e tamanho das antado em 1948.

ação ia	Graus de liberdade	Êrro da média	Diferença mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
					Chato	Moca	Concha	
		kg	kg	kg	%	%	%	
,68	18	0,5848	1,0140	6,67– 8,69	75,2	20,9	3,9	17,20
,32	18	0,5509	0,9553	9,36–11,28	75,1	22,0	2,9	17,39
,40	19	0,4944	0,8548	6,55– 8,25	77,4	20,1	2,5	17,64
,10	18	0,4256	0,7380	7,36– 8,84	75,8	21,3	2,9	17,55
,70	19	0,5709	0,9871	7,71– 9,69	77,7	20,5	1,8	17,35
2,11	17	0,6363	1,1072	11,00–13,22	77,1	20,7	2,2	17,42
,06	16	0,3207	0,5599	4,50– 5,62	83,1	14,3	2,6	17,55
,82	16	0,5250	0,9167	4,90– 6,74	83,6	14,1	2,3	17,56

g de fruto maduro, no período 1952–1957, variabilidade, limites de confiança, tipo e tamanho das antado em 1950.

ação lia	Graus de liberdade	Êrro da média	Diferença mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
					Chato	Moca	Concha	
g		kg	kg	kg	%	%	%	
5,45	19	0,6385	1,1040	14,35–16,55	79,3	18,3	2,4	16,71
4,95	18	0,7703	1,3357	13,61–16,29	81,9	14,7	3,4	16,65
8,10	19	0,6995	1,2094	16,89–19,31	82,9	14,3	2,8	16,92
6,66	17	0,8223	1,4308	15,23–18,09	85,0	12,7	2,3	16,83
4,42	18	1,0014	1,7364	12,68–16,16	80,7	15,1	4,2	16,69
1,84	18	1,0216	1,7715	10,07–13,61	82,2	14,5	3,3	16,70
4,06	17	0,5840	1,0162	13,04–15,08	81,9	14,2	3,9	16,74
4,36	18	0,7233	1,2542	13,11–15,61	83,0	13,9	3,1	16,91
5,60	19	0,7344	1,2698	14,33–16,87	79,1	17,8	3,1	16,91
0,00	13	1,2622	2,2354	12,24–14,48	85,3	12,3	2,4	16,34
4,88	16	0,9257	1,6163	13,26–16,50	80,1	16,8	3,1	16,84
2,85	19	0,8287	1,4329	11,42–14,28	82,5	14,1	3,4	17,12

(Continua)

PROGRAMA DE MELHORIA DA CAFEICULTURA BRASILEIRA

Eng. Agr. VALTER LAZZARINI
(Instituto Agronômico de Campinas)

Devido ao excesso de produção sôbre o consumo atual, o problema cafeeiro nacional vem-se agravando anualmente, com tendências a tornar-se pior, com graves efeitos para a economia particular dos lavradores e reflexos muito sérios para a Nação.

As medidas tentadas para a solução do problema, tem se preocupado mais com o aspecto financeiro imediato — a colocação da safra em curso — sem corrigir o defeito fundamental, a baixa produção por unidade de superfície das nossas lavouras e a qualidade inferior do produto.

A solução teórica para a questão seria aumentar a produtividade das lavouras, sem o aumento de produção total, com a conseqüente diminuição do custo de produção e aperfeiçoamento da qualidade do produto. Êsse propósito poderia ser conseguido pelo arrancamento das lavouras deficitárias, conservando-se apenas as de alta produtividade e efetuando novos plantios de café, em menor número, porém em condições agronômicas que possibilitassem trato menos dispendioso e, pela alta produtividade, colheita mais bem feita.

Embora o problema seja de difícil solução, devem ser feitos esforços que permitam melhorar a economia da cafeicultura nacional, aparelhando-a para competir nos mercados consumidores mundiais, para o que nosso País tem condições superiores às da maioria dos concorrentes.

BAIXA PRODUTIVIDADE DOS CAFÈZAIS BRASILEIROS

A maior parte das lavouras tiveram produção média, dêstes últimos anos, de cêrca de 25 arrôbas por 1000 pés, ou pouco mais de 300 quilos de café limpo por hectare. Tal produção, muito baixa, dificulta, inclusive, melhorar a colheita, sendo por isso, o produto de elevado custo e de qualidade inferior.

Podem ser indicados como principais fatôres de baixa produtividade das lavouras os seguintes: variedades não selecionadas, espaçamentos muito largos, esgotamento do solo, falta de adubação, idade e maus tratos dos cafèzais.

Variedades não selecionadas: A variedade predominante nos cafèzais antigos é a *C. arábica, typica,* conhecida como Nacional ou Comum, das menos produtivas daquelas exploradas comercialmente. As sementes das outras variedades, com maior capacidade de produção, cultivadas também extensamente, como Sumatra, Bourbon Vermelho, Bourbon Amarelo e Mundo Novo, na maior parte, foram obtidas, em cafèzais comuns, sem nenhum trabalho de seleção, onde nem mesmo a pureza das variedades pode ser garantida plenamente.

Espaçamento muito largo: A distância de plantio mais comum dos cafèzais é de 16 x 16 palmos, equivalente a uma área de 12 m² destinada a cada planta. A área média da projeção da copa dos cafeeiros é muito menor, ocupando, efetivamente, pouco mais de 3 m². A perda de terreno, portanto, é grande, alcançando em algumas lavouras 2/3 e até mais da área total. Além da perda de terreno, já de si muito considerável em função do valor dessas terras, há ainda a agravante de ficar a maior parte do solo exposta ao sol, favorecendo o desenvolvimento das ervas daninhas e tornando mais difíceis e dispendiosas as capinas. Há concorrência dessas ervas em águas e elementos minerais, o que, em certas ocasiões, é grandemente prejudicial aos cafeeiros. A exposição das plantas ao sol é maior, sofrendo demasiado o efeito do calor, o mesmo acontecendo com os ventos. A grande distância entre as plantas, tem levado muitos lavradores a usarem máquinas para capinas: como a lavoura, em geral, é plantada sem observar as linhas de nível, portanto não adaptada ao emprêgo de máquinas, o efeito dessa prática tem sido ruinoso para o solo e para as plantas. Pelo mesmo motivo, em alguns anos, plantam-se culturas intercalares ao cafèzal, escolhendo-se não as que menor mal façam ao cafeeiro, mas as que tenham probabilidade de proporcionar maiores lucros. Todos os fatos apontados tornam o espaçamento largo um dos principais fatôres desfavoráveis à cultura cafeeira antiga.

Esgotamento dos solos: Os elementos minerais úteis dos dois principais tipos de terra cultivada com café — arenosa e roxa — estão em condições de fácil aproveitamento pelas plantas, mas também de fácil arrastamento pelas enxurradas. Os trabalhos de combate à erosão, são em pequeno número e o esgotamento do solo se dá ràpidamente, tornando-o, em poucos anos, incapaz de produção econômica.

Para ilustrar êsse fato, é interessante observar o quadro das análises feitas por R. Bolliger, no Instituto Agronômico, de duas amostras de terra-roxa, uma virgem e outra passados 22 anos de cultura de café.

QUADRO 1 — Perda de elementos dos solo após 22 anos de cultura cafeeira. Profundidade considerada 1,20 m.

		Terra virgem	Esta terra após 22 anos de cultura de café	Perdas em 22 anos %
Húmus	t /ha	252	153	39
N	Me/ha	995	498	50
PO_4	"	785	496	37
K	"	224	17	93
Mg	"	595	94	85
Ca	"	2 249	448	80
pH	Médio	6,7	5,7	

Relativamente, em pouco tempo, verificou-se acentuado desgaste dos elementos nutritivos da terra-roxa; nas arenosas, o fenômeno é ainda mais rápido.

Com a perda dos elementos minerais do solo, diminui a sua fertilidade, que só pode ser refeita por intermédio da adubação. Embora elevada proporção das terras de café, esteja com sua capacidade de produção grandemente reduzida, apenas insignificante quantidade, é adubada.

MODO DE ELEVAR A PRODUTIVIDADE DA LAVOURA CAFEEIRA

Não havendo interêsse em aumentar a produção de café, mas, sim, a produtividade dos cafèzais, o modo de conseguí-lo, é conservar as melhores lavouras existentes, de produção acima da média, e arrancar as deficitárias, substituindo-as, em menor número, por outras, orientadas agronômicamente.

Uma parte das lavouras brasileiras, conquanto apresentem defeitos fundamentais, são de produção relativamente alta e de resultados financeiros compensadores e devem ser tratadas melhor do que têm sido, a fim de manter a sua produção e mesmo aumentá-la, o que, em muitos casos, é fàcilmente realizável.

As operações necessárias para melhoria dessas lavouras, além dos tratos normais, são a DEFESA CONTRA EROSÃO E A ADUBAÇÃO. Não se tomariam outros cuidados, como replantas, renovação de cafeeiros fracos etc., porque a tendência futura é substituir também essas lavouras.

Renovação parcial das lavouras deficitárias: Poder-se-ia estabelecer, de início, um plano de arrancamento. em cinco anos, de 1 500 milhões de cafeeiros considerados antieconômicos, e substituição por 500 milhões, no mesmo prazo, em condições técnicas corretas.

Seriam, pois, arrancados anualmente 300 milhões de cafeeiros e plantados 100 milhões. Os novos cafeeiros deverão produzir, no mínimo, o dôbro dos velhos, ou seja, 12 sacos limpos por 1 000 pés, e assim, quando estiverem em plena produção, após nove anos do início do programa, os 500 milhões de cafeeiros deverão produzir 6 milhões de sacas de café, em vez dos 9 milhões que os 1 500 000 000 de cafeeiros antigos produziam.

A área atualmente ocupada com êsses cafeeiros deficitários é de cêrca de 1 800 000 hectares, quando os novos cafèzais utilizarão menos de 50 000, liberando acima de 1 300 000 hectares das melhores terras brasileiras. Os cafeeiros antigos são tratados exclusivamente a enxada, à base de um operário para 3 000 pés, necessitando de 500 000 trabalhadores, ao passo que nos 500 milhões novos, deverão ser empregadas carpideiras de tração animal, bastando apenas 25 000 homens para êsse trato. Haverá necessidade de braços extras para a colheita, cêrca de 150 000 pessoas durante três meses, que podem ser recrutadas da própria zona rural, de outras culturas e das cidades — especialmente mulheres e crianças que pouco produzem nas indústrias.

Os gastos totais em financiamento para o plantio de 500 milhões de cafeeiros podem ser estimados em cêrca de 30 bilhões de cruzeiros, despendendo-se Cr$ 60,00 por cafeeiro, em parcelas de 25, 20 e 15 para o 1.º 2.º e 3.º ano, respectivamente. A partir do 3.º ano, os cafèzais estarão produzindo normalmente, passarão para o financiamento comum do Banco do Brasil e começarão a pagar os gastos de plantio, o que poderá ser feito no prazo razoável de três anos.

Nesse espaço de nove anos, deixariam de entrar no mercado, teòricamente, 33 milhões de sacas de café, que não teriam possibilidade de exportação, devendo, portanto, ser adquiridas pelo Govêrno, o que, ao preço mínimo de Cr$ 2.000,00, eleva o dispêndio a 66 bilhões de cruzeiros, gasto absolutamente inútil, ao passo que, no mesmo período, o financiamento para renovação das lavouras custaria ao País, em empréstimos, 30 bilhões de cruzeiros, que seriam totalmente recuperados.

O quadro número 2 dá idéia melhor do esquema de arrancamento e novo plantio nas bases preconizadas.

Com a execução do programa proposto, admitindo-se que a produção média exportável do Brasil, seja 30 milhões de sacas e que a exportação cresça anualmente 5%, a situação estatística do café, após nove anos, seria a constante do quadro 3.

Quadro 2 — Programa de renovação das lavouras, com arrancamento de 1 500 000 000 de cafeeiros deficitários e plantio de 500 000 000 de cafeeiros, com orientação agronômica.

ANO	MILHÕES DE CAFEEIROS		PRODUÇÃO EM MILHÕES DE SACAS DOS CAFEEIROS			DIFERENÇA		FINANCIAMENTO cruzeiros
						Produção Sacas	Dispêndio cruzeiros	
	Arrancados	Plantados	Antigos	Novos	Total	Milhões	Bilhões	Bilhões
1961	300	100	9,0	—	9,0	—	—	2,5
1962	600	200	7,2	—	7,2	1,8	3,6	4,5
1963	900	300	5,4	—	5,4	3,6	7,2	6,0
1964	1 200	400	3,6	0,6	4,2	4,8	9,6	6,0
1965	1 500	500	1,8	1,8	3,6	5,4	10,8	6,0
1966	—	—	—	3,0	3,0	6,0	12,0	3,5
1967	—	—	—	4,2	4,2	4,8	9,6	1,5
1968	—	—	—	5,4	5,4	3,6	7,2	—
1969	—	—	—	6,0	6,0	3,0	6,0	—
			Total			**33,0**	**66,0**	**30,0**

Quadro 3 — Situação estatística teórica do café brasileiro, em nove anos de execução do programa de renovação da lavoura cafeeira.

ANOS	MILHÕES DE SACAS 60 kg		
	Produção	Exportação	Sobra anual
1961	30,0	18,0	12,0
1962	28,2	18,9	9,3
1963	26,4	19,8	6,6
1964	25,2	20,8	4,4
1965	24,6	21,8	2,8
1966	24,0	22,9	1,1
1967	25,2	24,0	1,2
1968	26,4	25,2	1,2
1969	27,0	26,5	0,5
Total de 9 anos	**237,0**	**197,9**	**39,1**

Decorridos nove anos do início da execução do programa, as produções estarão equilibradas com as exportações. O total de sobras, na ocasião

será 39,1 milhões de sacas, caso não ocorra alguma calamidade nesse período (geadas, sêcas etc.), ou, também, safras menores, em outros países, que possibilitem aumentar nossas exportações. Tal excedente, será útil para atender às demandas extras, bem como para impedir, que haja maior interêsse, por parte de outros países produtores, em aumentar o plantio de café.

PONTOS ESSENCIAIS DA LAVOURA NOVA

Para o estabelecimento de novas lavouras, há necessidade de um plano completo e rígido, com as determinações precisas das práticas agrícolas a serem obedecidas.

O terreno para os novos plantios será escolhido visando mais a conformação — pequena declividade, boas qualidades físicas e exposição — que a fertilidade, fator principal e excludente nas antigas plantações.

Serão efetuados serviços completos de combate à erosão, caminhos em nível e carreadores pendentes, de modo a se ter um cafèzal funcional, com facilidade e rendimento no trabalho.

As distâncias entre cafeeiros serão muito menores, comportando maior número de plantas por área, em espaçamento funcional; a distância entre cafeeiros na linha de nível será menor que a favor das águas. Dêsse modo, as plantas deverão encontrar-se nas linhas em nível, sobrando entre duas linhas, um espaço suficiente para um trabalhador executar os serviços normais, com máquinas de tração animal ou pequenas máquinas motorizadas.

Serão usadas as melhores sementes selecionadas, de mais de uma variedade ou linhagem, que, além dos característicos econômicos de produtividade, rendimento etc., apresentem diferença de precocidade na maturação, de modo a se ter maior período com frutos maduros e, consequentemente, maior proporção dêsses frutos na colheita.

As capinas deverão ser quase totalmente mecanizadas, principalmente por meio de cultivadores de tração animal, cujo rendimento será muito grande, pela pequena área a ser carpida, a qual deverá também estar despraguejada após alguns anos de cultivo.

As adubações, preponderantemente minerais, poderão ser efetuadas com adubadeiras simples, com grande rendimento e eficiência.

Nas lavouras conduzidas tècnicamente, além da produção mais elevada, não se verifica, como nas antigas, variação tão intensa na produção de um ano para outro, o que chegou a estabelecer o conceito de safras bianuais, para o café, pois, a um ano de grande produção, quase invariàvelmente, segue outro de pequena colheita.

Nas novas lavouras haverá gasto maior com adubação, animais máquinas e transporte de pessoal para colheita, porém, em virtude de o trato ser mais barato e a produtividade maior, o custo de produção será muito menor que o dos cafèzais a serem arrancados, possibilitando aos lavradores maior renda líquida do que tinham anteriormente.

MELHORIA DA QUALIDADE DO PRODUTO

No Brasil são cultivados com exclusividade os cafeeiros da espécie arábica, normalmente de bebida de boa qualidade, preferida pelos consumidores e de melhor cotação nos mercados internacionais. Os países produtores só plantam café de outra espécie, quando as condições não permitem cultivar o arábica, planta mais delicada e exigente, cuja bebida pode tornar-se má, em

virtude de fatôres intrínsecos, do meio ambiente e da falta de cuidados na colheita, secagem e benefício.

A colheita de café no Brasil, é geralmente mal executada. O café é derriçado ao chão, onde existem outros frutos caídos há tempo, muitos já apoficiada, dando produto com proporção variável de grãos verdes e deteriorados e de impurezas diversas. Certa proporção de lavradores faz a separação do café da árvore (derriça) do existente no chão (varrição), porém poucos fazem a colheita só dos frutos bem maduros, o que seria desejável e o que é feito pelos produtores dos melhores cafés do mundo.

De acôrdo com os cuidados nessas operações será a qualidade do produto que, para ser exportado, sofre classificação pela qualidade da bebida e por tipos.

A qualidade da bebida é classificada em *estritamente mole, mole, apenas mole, dura e Rio.* Essa característica é influenciada pelo meio ambiente, pois, em certas zonas, a bebida é quase sempre boa, sem muito trabalho no preparo do café, ao passo que, em outras, há necessidade de cuidados especiais para que a bebida não seja de qualidade inferior.

A classificação em tipos é baseada no número de defeitos contidos em amostras de 300 gramas de café. Os defeitos são constituídos por grãos pretos, ardidos, verdes, quebrados, conchas, chôchos, côco, marinheiros, cascas, paus, torrões e pedras.

Os tipos são de 2 a 8 e intermediários, obedecendo à seguinte escala:

Tipo 2 — 4 defeitos
Tipo 3 — 12 defeitos
Tipo 4 — 26 defeitos
Tipo 5 — 46 defeitos
Tipo 6 — 86 defeitos
Tipo 7 — 160 defeitos
Tipo 8 — 360 defeitos

Não se conhecem dados estatísticos precisos, da exportação por tipos: pode-se supor que a quantidade de tipos inferiores seja muito elevada, pois as bases dos negócios, até o ano passado, nos portos do Rio e de Vitória, eram os tipos 7 e 7/8, ao passo que em Santos e Paranaguá eram 4 e 5, respectivamente. Deve-se notar, porém, que o Instituto Brasileiro de Café, vem-se preocupando com o fenômeno, tendo, êste ano, proibido exportação de café abaixo do tipo 7.

Os tipos baixos de café têm pior aspecto e dão bebida inferior aos tipos superiores, em igualdade de condições. A melhoria de tipo é possível em tôdas as zonas cafeeiras, e depende, em maior parte, de cuidados na colheita e no benefício. As máquinas modernas fazem boa limpeza do café, eliminando certa quantidade de defeitos. A "catação", que já vem sendo executada por alguns produtores, completa o serviço de melhoria de café quanto ao tipo.

A melhoria da qualidade do café, pela modificação do sistema de colheita, tem pouca probabilidade de se generalizar nas atuais lavouras, cujos defeitos não permitem uma colheita compensadora só de frutos maduros, seguido de despolpamento e sêca controlada. As lavouras novas, corretamente instaladas, terão muito melhores condições para êsse fim.

O sistema de colheita "em cereja", que se poderá desenvolver no futuro, terá de ser efetuado, na maior parte, por elemento de fora da lavoura, isto é, elementos que, durante o ano, não tratam do café. O rendimento da colheita é elevado nos novos cafèzais,

podendo um trabalhador colhêr mais de 200 litros de café maduro por dia. O preço pago por litro é, atualmente, de Cr$ 1,00, o qual lhe proporciona ganho acima dos salários vigentes nas cidades. Haverá, com isso, a criação de emprêgos temporários, compensadores, podendo-se pensar em transferir as maiores férias escolares para a época da colheita, possibilitando aos estudantes uma boa renda, que ajudará a custear seus próprios estudos.

EXECUÇÃO DO PROGRAMA

Para execução do programa deverão ser tomadas medidas que estimulem os lavradores. Entre elas, não só assinalar o financiamento das lavouras deficitárias.

Os lavradores que se dispuseram a renovar seus cafèzais terão prioridade de assitência técnica e financeira por parte dos órgãos governamentais, tanto para o plantio, como, para os equipamentos necessários à melhoria do produto.

As novas lavouras poderão ser feitas nos terrenos das antigas ou em outras, desde que se comprove o arrancamento de 3 pés, o que daria direito ao financiamento do plantio de 1. Os lavradores que quisessem arrancar suas lavouras, sem plantar outras, poderiam transferir o seu direito na mesma assinalada.

Serão elaboradas instruções claras e precisas sôbre tôdas as operações a efetuar nos cafèzais, com um curso intensivo de treinamento para os agrônomos, de maneira a pô-los a par dos trabalhos agronômicos já realizados e ainda não divulgados, dirimir as dúvidas existentes a respeito do problema e estabelecer um ponto de vista único, sôbre a condução da nova cultura cafeeira.

Os lavradores deverão tomar parte no programa, não apenas por interêsse financeiro, mas, principalmente, como membros da coletividade, como o dever patriótico de empregar os seus esforços para melhorar as condições econômicas de nosso País.

Como, os cafeicultores, de modo geral, não estão, no momento, em condições de arcar com as despesas decorrentes da execução dêsse plano, torna-se necessário que o Estado lhes ofereça um financiamento embora em bases comerciais, porém sem exigir sacrifícios para cumprir um plano que é de interêsse coletivo. Seria estabelecido um contrato de financiamento com parcelamento das importâncias fornecidas à medida que as operações fôssem executadas.

No terreno dos cafèzais arrancados, deverão ser plantadas culturas intercalares de cereais e outras, que também serão financiadas, preferencialmente, para aumento de ganho do lavrador e compensação pela diminuição de renda que terá durante alguns anos com o arrancamento dos cafeeiros.

Para o êxito do plano, seria necessário o concurso do Govêrno Federal, pelo Instituto Brasileiro do Café, e pelo Ministério da Agricultura, dos Governos do Estado e dos Municípios, das Sociedades dos lavradores e das casas oficiais de crédito, especialmente Banco do Brasil e bancos dos Estados.

A fim de que nosso País obtenha sucesso na competição com os produtores estrangeiros, em resumo, devem ser atendidos, pela nossa política cafeeira, os seguintes pontos:

1.º) Não estimular ou sustentar preços altos externamente, para não incentivar o plantio de café em outros países.

2.º) Não estimular ou sustentar preços altos internamente, que incentivem o plantio de café, em zonas ecológicas inadequadas e permitam a manutenção de lavouras velhas, decrépitas e antieconômicas.

3.º) Proporcionar aos lavradores financiamento que possibilite a renovação das lavouras cafeeiras antieconômicas, nas zonas geo-econômicas indicadas, nos moldes já determinados pela Secretaria da Agricultura de São Paulo.

4.º) Acelerar a melhoria da qualidade do café brasileiro, por medida que, progressiva e ràpidamente, impeça a exportação de impurezas, grãos pretos, verdes ou deteriorados, bem como de cafés que apresentem bebida de má aceitação pelos consumidores.

5.º) Estimular a comercialização externa do café, especialmente por meio de cooperativas de cafeicultores, que cuidem do café desde a produção até a venda.

6.º) Estimular a indústria de café solúvel para mais fácil conquista de novos mercados.

☆

"HORA DO CAFÉ" NA CASA BRANCA

O presidente Kennedy, dos Estados Unidos, tomou uma iniciativa muito grata aos países que se dedicam à cafeeicultura e que fazem dessa atividade agrícola a sua maior fonte de renda. O primeiro magistrado norte-americano instituiu a "hora do café", fazendo-a constar da lista oficial dos convites da Casa Branca.

Kennedy já convidou 55 membros do Conselho para que participassem de sua "hora do café" na Casa Branca — uma oportunidade para uma reunião geral de consultas com membros do Legislativo pertencentes aos dois partidos norte-americanos.

Kennedy anunciou novamente, uma segunda "hora do café". Então, mais 55 membros do Congresso estarão presentes.

Em ambas as oportunidades, a frase "hora do café" constou da lista oficial de convites da Casa Branca.

No passado, tais reuniões eram conhecidas como "recepções" ou, se havia alguma senhora, davam-lhes o nome de "chás". Mas Nennedy é o primeiro a apontar as reuniões sob o nome de uma infusão que é da mais alta importância para a economia de 14 nações latino-americanas.

★

Resumos e Transcrições

POLÍTICA CAFEEIRA DO BRASIL

RUY MILLER PAIVA
Eng. agrônomo

A grosso modo pode-se dizer que a política cafeeira do Brasil se resume na política de preços. A história recente da cafeicultura nacional mostra inúmeros esquemas em que os governos do Estado e o govêrno federal procuram valorizar o produto ou impedir que os preços dos mesmos caiam a níveis que venham prejudicar os produtores e os interêsses financeiros do país.

Os demais setores de interêsse da cafeicultura, como sejam a produtividade das lavouras, a melhoria de qualidade do produto, a ampliação do mercado consumidor, etc., não têm merecido igual atuação por parte dos dirigentes de nosso país.

Com êste artigo pretendemos descrever e analisar a atual política de defesa de preços do Brasil, suas possibilidades e limitações e de passagem mencionarmos os reflexos dessa política nos demais setôres da cafeicultura, na produção, comércio e consumo dêsse produto.

PORQUE SE FAZ A DEFESA DOS PREÇOS

São diversas as razões que levam o Brasil a uma política de defesa dos preços. Trata-se da cultura mais importante do país, cuja receita em 1959 contribuiu com 16,8% da renda agrícola, e cuja importância como cultura comercial, que proporciona renda monetária aos agricultores, é ainda maior. Uma queda acentuada nos preços do café repercute por isso de forma sensível e desfavorável em tôda a economia interna do país, nos níveis de salário e na capacidade de compra do mercado.

Além disso, o café é extremamente importante para o comércio exterior do nosso país. Contribui com cêrca de 60% das cambiais recebidas, valores êsses muito superiores aos dos demais produtos que o seguem na lista das exportações, como algodão e cacau que nesses últimos três anos contribuiram com porcentagens que variaram de 2,0 a 5,8 no caso do primeiro dêsses produtos e de 5,0 a 7,2 no caso do último. Devendo-se ainda acrescentar que no momento são muito remotas as possibilidades que outros produtos possam vir a substituir o café com igual vantagem, isto é, permitindo idêntico nível de renda no país.

De modo que as quedas de preços do café refletem-se de forma

N. da R. — Palestra pronunciada no Centro de Debates Agronômicos, na Sociedade Paulista de Agronomia, durante o Curso sôbre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, patrocinado por aquela entidade e realizado nos meses de outubro-novembro do ano último.

sensível em tôda a economia do país e principalmente na balança de pagamentos que já se acha em situação difícil devido ao programa de desenvolvimento industrial estabelecido neste último govêrno. Tem, portanto, fundamento o receio dos que julgam que a queda de preços pode trazer um recuo no ritmo de crescimento de nosso país.

A preocupação com uma possível queda de preços do café seria naturalmente menor se com ela houvesse possibilidade de se ampliar sensìvelmente o volume vendido.

O Brasil dispõe de amplos estoques e poder-se-ia assim obter um aumento da receita cambial com a queda de preços. Infelizmente, o café é produto de demanda inelástica, de modo que a queda de preço não trás um aumento proporcional de rendas. Trás, ao contrário, um decréscimo acentuado nessa renda. O que tem ocorrido nesses últimos anos os preços e a venda de café no Brasil serve para ilustrar a questão. No ano de 1953, quando o café subiu a níveis altìssimos de 70 dólares por saca, a receita cambial do Brasil com êsse produto subiu a perto de 1,1 bilhões de dólares com a exportação de 15,6 milhões de sacas. E agora em 1959, quando os preços caíram a 42 dólares a saca, a receita cambial caiu para 733 milhões de dólares porque as exportações aumentaram apenas para 17,4 milhões de sacas.

Isso, porém, não significa que sempre haja vantagem em se ter preços muito elevados. O que ocorreu em 1954 deve nos servir de alerta. Os preços alcançaram, em média nêsse ano, níveis exagerados, de 87 dólares a saca, e as exportações caíram para 10,9 milhões de sacas; a receita em dólares, caiu para 950 milhões.

Nessas condições, é muito difícil para o país deixar de manter um programa de defesa de preços para êsse produto, pois, isso significaria não sòmente crise para os cafeicultores, como dificuldades generalizadas para prescindir da importação da parte dos combustíveis, máquinas e matérias primas indispensáveis à manutenção do ritmo de seu desenvolvimento.

Ademais, é preciso ter em vista que o país dispõe de condições para fazer uma defesa de preços. É o maior produtor, com cêrca de 50% da produção mundial, atingindo, como no ano passado, 65%. Cabe-lhe o papel de firma dominante do mercado, podendo assim conduzir os preços de acôrdo com sua própria política, que aliás sòmente o Brasil pode fazer, pois, os demais países não têm volume de produção suficiente. E o Brasil ainda dispõe da organização necessária para executar um esquema de retenção, o que os outros países não têm. Portanto, podemos fazer uma sustentação de preços e estamos organizados para isso o que sem dúvida constitui constante incentivo para que não se deixe de fazê-lo.

COMO SE PROCESSA A DEFESA DOS PREÇOS NO MERCADO INTERNO

A defesa dos preços de café se faz no Brasil, em geral, através de diversas modalidades. Vejamos primeiramente, em rápida análise, as medidas que são comumente empregadas para sustentar o preço em cruzeiros no mercado interno e posteriormente as medidas que têm o mesmo efeito no mercado externo para a sustentação dos preços em dólares.

DISCIPLINAÇÃO DAS ENTRADAS NOS PORTOS

O disciplinamento das entradas nos portos é a primeira medida que deve ser citada e que há muitos anos vem sendo utilizada pelo Govêrno.

Anualmente, a Junta Administrativa do Instituto Brasileiro de Café — junta essa constituída de agricultores eleitos pelos cafeicultores, e de representantes dos governos dos Estados produtores, do comércio exportador e do Govêrno Federal — elabora o chamado Regulamento de Embarque, que estabelece normas disciplinando o encaminhamento dos cafés para os portos. De acôrdo com êsse regulamento, o café é despachado pelos produtores ou comerciantes para os portos e os conhecimento, guia de transporte ou quaisquer documentos que representam a remessa do café, têm de ser registrado no Instituto Brasileiro de Café. Após o registro, os cafés ficam "retidos" nos "Armazens reguladores" ou Armazens Gerais e não podem ser exportados ou consumidos antes de ser oficialmente "liberados" pelo Instituto Brasileiro de Café. Êstes armazéns reguladores localizam-se em São Paulo, no interior. Apenas um pequeno volume de 300.000 sacas podem ficar à espera de liberação em Santos.

A liberação dos cafés se processa de acôrdo com a ordem cronológica dos despachos para cada pôrto e de acôrdo ainda com os estoques existentes nos portos. Estabelece o regulamento da presente safra que os portos poderão ter os seguintes estoques máximos de café liberados:

Santos	2.000.000
Paranaguá	2.000.000
Rio	1.444.000
Vitória	280.000
Antonina	200.000
Angra dos Reis	160.000
Niterói	144.000
São Francisco do Sul ..	80.000
Foz do Iguaçu	50.000

Êsses estoques podem ser aumentados em 25% pela Diretoria do Instituto Brasileiro de Café, de acôrdo com as necessidades dos portos. Tendo em vista a saída de café para a exportação e êsses estoques máximos, o Instituto Brasileiro de Café estabelece periòdicamente, cotas diárias de entrada e de liberação dos cafés.

Ao se instituir tal sistema de retenção e de liberação cronológicas distribuindo a oferta do café no mercado, uniformemente durante os meses do ano, pretendeu-se evitar um aviltamento de preços logo após a colheita. Aceita-se hoje em dia que tal disciplinamento tenha efeitos pequenos sôbre os níveis de preços, pois as firmas que comercializam o produto adquirem-no logo após a colheita, ainda que o mesmo não esteja liberado. Não há assim, no grau que se desejava, o disciplinamento de venda, por parte dos agricultores.

ESTABELECIMENTO DE COTA DE MERCADO

Medida mais efetiva de defesa de preços foi incluída nos regulamentos de embarques das duas últimas safras, quando se limitou o volume de café ofertado no mercado, através das instituições de novos sistemas de cotas de sacrifício para os produtores. Assim, é que, de acôrdo com êsse regulamento, o agricultor ou o comerciante ao embarcar o café para os portos é obrigado a dividí-lo em três séries: a série de mercado, a série de consumo interno e a série de expurgo. As duas

ração. Com isso diminui-se o volume do café ofertado e procura-se as adquire a preços prèviamente esdessa forma obter melhores cotações.

Na presente safra estabeleceu-se para as séries de mercado, de consumo interno e de expurgo, cotas de 70, 20 e 10%, respectivamente.

Considerando-se que a então pretabelecidos. Apenas a primeira é que pode ser encaminhada para os porúltimas são obrigatòriamente entregues ao Instituto Brasileiro que tos para ser exportada após a libevisão de colheita era de 27 milhões de sacas, julgava-se estar oferecendo no mercado cêrca de 18;9 milhões de sacas, que se esperava pudessem ser exportados aos preços vigentes.

Julgava-se ainda que se poderia deixar livre o preço no mercado de café e estabelecer-se apenas os preços de aquisição para as séries encaminhadas ao Instituto Brasileiro de Café. Os preços fixados para as séries consumo interno e expurgo são os seguintes:

GRUPOS DE CAFÉ	CONSUMO INTERNO tipo 4 para melhor	Inferior tipo 4	SÉRIE EXPURGO
I	2.950	2.500	200
II	2 200	2.000	200

Sendo que o Grupo I incluem-se os cafés produzidos nos Estados de São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso, parte de Minas e no Grupo II, os cafés do Rio, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina e partes de Minas Gerais.

FIXAÇÃO DAS BASES DE REGISTRO

A par da limitação do volume ofertado no mercado, o Instituto Brasileiro de Café utilizou-se êste ano de outro elemento para garantir a defesa de preços que é a fixação das bases de registro. Por lei, o Banco do Brasil, ao comprar dos exportadores suas cambiais, exige que os preços em cruzeiro pelos quais foi vendida a mercadoria, se situem em níveis com os preços vigorantes no mercado. No caso do café, é o Instituto Brasileiro de Café que exerce êsse contrôle e que estabelece as bases de preços que devem ser obedecidas na transação.

Assim se procede para evitar a sonegação cambial, pois se o exportador do café pudesse declarar preços inferiores, poderia, em entendimento com o comprador do exterior, declarar e vender ao Banco do Brasil quantias menores de dólares, para os quais receberia uma taxa de câmbio inferior (Cr$ 90,00 por dólar) e posteriormente trazer o restante para ser vendido no câmbio livre, a uma taxa superior (Cr$ ... 180,00 por dólar).

Cabendo ao Instituto Brasileiro de Café estabelecer as bases de registro, pode êle fazê-lo em níveis condizentes com os preços que deseje garantir. Proibe assim, de certa forma, que se processem vendas para o exterior a preços inferiores àqueles que deseja fixar.

O Govêrno assim procedeu êste ano, quando modificou a base de re-

gistro no período de 27 de junho a 9 de julho, de Cr$ 587,60 para o tipo 4 Estilo Santos, para Cr$ 705,00, elevação essa motivada pela mudança de câmbio do café de Cr$ 76,00 por dólar para Cr$ 90,00 (Instrução 196 da SUMOC), e tomando-se por base que o preço do café em dólar era de 33,77 cents Fob Santos.

Essa medida não se mostra muito eficaz, pois se o nível estabelecido não é coerente com a tendência do mercado, desenvolve-se o chamado "câmbio português" através do qual o exportador registra a operação de acôrdo com os preços estabelecidos pelo I.B.C. mas processa efetivamente a venda do café para o exterior a preços menores, comprando o dólar no câmbio livre para devolver ao importador o "exedente" que êste entregou ao Banco do Brasil.

Dêsse modo, o preço em cruzeiro deixa de ser sustentado, pois os exportadores passam a oferecer menos aos cafeicultores de modo a compensar a perda na operação do "câmbio português".

Esperava o Govêrno êste ano que através da modificação da taxa de câmbio e da fixação das bases do Registro pudesse garantir um preço de 3.000 cruzeiros para o produtor. As seguintes medidas complementares ainda foram tomadas nêsse sentido.

AQUISIÇÃO DOS REMANESCENTES NO FIM DA SAFRA

Obrigou-se o Govêrno a comprar o remanescente que não houvesse sido exportado no fim da safra. Procurou dessa forma dar confiança ao comércio de café; evitar que as firmas comissárias se retraissem em suas compras, com receio de ficar no fim do ano com excedentes em suas mãos.

Êste ano foram divulgadas pela imprensa informações oficiosas a êsse respeito. Na safra anterior, porém, a questão foi prevista no próprio regulamento de embarque.

FINANCIAMENTO BANCÁRIO

Instituiu-se também nesta última safra bases mais amplas de financiamento bancário aos produtores e comerciantes para que os mesmos pudessem ampliar suas operações e oferecer resistência a qualquer afrouxamento do mercado.

As bases de financiamento estabelecidas pelo Banco do Brasil para os cafés da série de mercado que bebem duro para melhor, de tipo inferior a 6, são de Cr$ 2.700,00 por saca. O Banco do Estado de São Paulo fixou bases mais altas para os cafés de melhor qualidade da série de mercado. Assim, os cafés moles da cota comum não financiados a 2.800 cruzeiros, os moles das cotas preferencial e cooperativa a 3.000,00 e os despolpados a 3.100 cruzeiros por saca.

Aliás, essas foram estabelecidas indiferentemente em Santos e no interior, isto é, contra apresentação de conhecimento ou de "warrant", o que faz com que seja menor por parte do lavrador a pressa em encaminhar o produto para os portos.

OPERAÇÃO DE COMPRA NO MERCADO

Não obstante essas medidas, constatou-se que os preços não subiram na proporção prevista. Assim é que, em vez de alcançar uma cotação de 600/620 cruzeiros por 10 quilos no disponível de Santos, prevaleceram em julho e agôsto níveis em tôrno de 560 cruzeiros. E no interior, os preços médios atingiram apenas 2.440 e 2.490 nos mesmos meses. Isso

obrigou o I.B.C. a adotar medida mais enérgica, que foi a entrada no mercado comprando e estocando os cafés da série do mercado. E o fêz através da resolução n.º 60/100, por intermédio de diversas firmas, adquirindo café, da série de mercado, tanto nos portos como no interior. Foi assim autorizado a compra, no caso do Estado de São Paulo, de cafés de tipo não inferior a 5/6, ao preço de Cr$ 3.150,00 por saca. Posteriormente, pelo comunicado n.º 60/108 do I.B.C., foram introduzidas modificações nos preços a serem pagos pelos cafés da cota do mercado. Assim, as firmas interventoras deverão comprar o café da cota de mercado (tipo 5/6 para melhor, em São Paulo) a 3.472 cruzeiros por saca, dos quais 741 cruzeiros à vista e o restante a 90 dias. Dêsse modo, o preço médio a ser obtido (70% série mercado, 20% série consumo interno e 10% série expurgo) seria de Cr$ 3.040,00 por saca de café beneficiado. Como nesse valor estão incluídas margens para pagamento de tributos estaduais, juros e selos etc., o preço líquido a ser efetivamente recebido deverá se situar entre 2.800 e 2.900 cruzeiros por saca.

Com essas providências, registrou-se uma reação dos preços, principalmente em Santos, onde em setembro vigorou no disponível o preço médio de 595 cruzeiros por 10 quilos. No interior, no mês de setembro, ainda prevaleceu um preço médio baixo, ou seja 2.570 cruzeiros, em lugar dos 2.800 que poderiam ser atingidos.

Aliás, no ano anterior, quando colhemos uma safra enorme, de 43,5 milhões de saca, o I.B.C. fôra também obrigado a agir da mesma forma.

Diversos fatôres explicam a razão do mercado sòmente ter reagido com a operação de compra; de não ter alcançado melhores preços, com as medidas antes adotadas, isto é, disciplinamento das entradas, adicionados das cotas de sacrifício, financiamento e compromisso de adquirir o café não vendido. Entre êles, destaca-se a desconfiança do comércio quanto à garantia da manutenção dessa política, pois há alguns anos atrás, o Govêrno suspendera o regime da garantia de preços, no meio da safra, não obstante o regulamento oficial existente. Ademais, o comércio em geral sentia-se inseguro face ao volumoso estoque já em mãos do Govêrno, não se sentindo animado a maiores compromissos financeiros com êsse produto.

OUTRAS MEDIDAS

Em ocasiões anteriores o Govêrno têm usado outra modalidade para complementar sua política de defesa de preços. Tratam-se das operações de têrmo na Bôlsa e no mercado de entregas diretas. Através delas pode-se teòricamente manter os preços sem que se precise acumular o produto, pois a operação de compra é feita em meses distantes e pode ser anulada posteriormente com uma operação semelhante de venda. Todavia, como no Brasil êsses mercados são relativamente restritos, não pode ser usado para operações de mais larga invergadura. Êste ano parece não ter sido usado êste processo. Ao menos não tem sido êle noticiado. Todavia, como a política do café se caracteriza pelo sigilo não se pode a rigor afirmar que não tenha sido usado.

Sabe-se que a firma responsável pela sustentação dos preços tem-se utilizado do mercado de entrega direta para compras de cafés a serem recebidos em meses distantes. Teria

usado assim êsse mercado como forma de compra e não como meio de sustentação de preço.

Outro elemento de sustentação de preços usados no passado foi de eliminação de excedentes, que caracteriza a década de 30, quando o Brasil queimou cêrca de 85 milhões de sacas. Na presente safra também já estamos eliminando pequena parte dos excedentes. Segundo notícias trazidas a esta série de conferências pelo Dr. Linneu Carlos de Souza Dias, o Instituto Brasileiro de Café entregou a firmas diversas um total de 1.320.975 sacas da série de expurgo, para serem transformadas em óleo e ração. Aliás, o regulamento de embarque estabelece que os cafés da série de expurgo poderão ser desnaturados e inclusive incinerados se a Diretoria do I.B.C. julgar necessário. Assim, o parágrafo 28 do artigo 7.º do presente regulamento de embarque diz que êsses cafés "serão compulsòriamente destinados na área de produção para sua transformação em adubo, inclusive potássico, por via de incineração e entregues a lavoura".

DEFESA DOS PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

Quanto aos preços em dólares, a defesa também se processa através de uma série de medidas.

Em primeiro lugar devemos salientar o fato da interdependência dos preços do mercado interno e externo não ser completa. Devido ao contrôle cambial adotado pelo Govêrno, pode-se modificar as taxas pagas pelas cambiais de café e poder dêsse modo obter-se modificações nos preços em cruzeiros, mesmo que se mantenham estáveis os preços em dólares. É aliás, o que tem ocorrido nos últimos anos. Conforme mostram as cotações oficiais, os preços da saca de café Santos tipo 4 subiram de 2.400 para 3.300 cruzeiros de junho de 1959 a junho de 1960, enquanto os preços do mesmo café em Nova Iorque mantinham-se mais ou menos estáveis, em tôrno de 36 cents por libra-pêso. Aliás, essas modificações cambiais têm sido muito usado no Brasil não sòmente para manter os preços em cruzeiros, quando caem os preços em dólares, como também para proporcionar melhoria de preços em cruzeiros aos produtores, independente das flutuações dos preços em dólares. Ainda êste ano ocorreu uma modificação da taxa de câmbio de café (Instrução n.º 196 da SUMOC) aumentando-a de Cr$ 76,00 para Cr$ 90,00 por dólar. Com isso os preços do café subiram no disponível em Santos de uma média de 528 cruzeiros por 10 quilos em junho para 566 em julho.

A rigor, porém, como fator fundamental de estabilização nos dois mercados, encontra-se o mesmo instrumento, que é a retirada pelo Govêrno dos excedentes do mercado. Não fôssem os estoques de café acumulados pelo Govêrno, e os preços em dólares também não se manteriam nos níveis em que ora se encontram. Às vêzes, porém, a simples retirada dos excedentes do mercado não se mostra suficiente para evitar queda dos preços. Foi o que aconteceu na década de 1930, quando o Govêrno, após acumular um volumoso estoque, decidiu queimá-lo a fim de pôr um paradeiro na queda dos preços.

A política cafeeira do Brasil têm se utilizado paralelamente de diversos outros elementos para defesa dos preços em dólares.

(Continua no próximo Boletim)

A *polpa do café como adubo*

E. MALAVOLTA
Eng. agrônomo

Já se discutiu, por várias vêzes, sôbre a necessidade de manutenção de um nível adequado de matéria orgânica no terreno. O problema é menos sério no caso de culturas como o arroz, milho e cana-de-açúcar, que deixam no solo como raízes ou restos de colheita, quantidades por vêzes consideráveis de material transformável no humus, cujas propriedades benéficas, diretas ou indiretas, são bem conhecidas. A situação é outra, porém, quando se trata de plantas perenes, como o cafeeiro, a laranjeira e outras; nestes casos, o agricultor deve dedicar, sempre que possível, os seus esforços no sentido de fazer, também, ao lado da mineral, a adubação orgânica. O tipo de material orgânico a utilizar é secundário; o importante é não perder de vista a necessidade da sua aplicação como garantia de agricultura permanente.

Com a prática do despolpamento que se introduziu nas fazendas de café tornou-se disponível a polpa de café, uma nova forma de material orgânico. A análise da polpa resume-se em: umidade, 76%; azôto, 1,5%; fósforo, 0,16%; potássio, 2,4%; cálcio,.... 0,45% magnésio, 0,07%; enxôfre 0,11%; ferro, 0,01%; manganês,.... 0,001%; boro, 0,002. Para esclarecer melhor o significado dêsses valores, deve acrescentar-se que a polpa de café é duas a três vêzes mais rica em azôto e potassa, do que o estêrco de curral e apresenta ainda maior teor de elementos nutritivos do que o próprio estêrco de galinha. Fato digno de menção é a relativa pobreza em fósforo, o que reflete a baixa exigência dêsse elemento por parte do cafeeiro. A composição da polpa permite calcular que uma tonelada dela, depois de sêca, equivale a 100 quilos de uma mistura 14-3-38.

Na literatura especializada de vários países cafeeiros, encontram-se resultados de ensaios que atestam o valor da polpa de café não só como fonte de matéria orgânica mas também como fornecedora de nutrientes. O assunto foi discutido recentemente por F. Suarez de Castro (*El café de El Salvador*, maio-junho de 1960). Em uma experiência de competição, comparou-se o efeito da polpa ao do superfosfato e do sulfato de potássio na produção do cafeeiro; nesse ensaio, aplicou-se a polpa na proporção de 10 quilos por cova, empregando-se nos outros tratamentos 22 gramas de superfosfato e 100 gramas de sulfato de potássio. Obtiveram-se os seguintes resultados:

Tratamento	*Quilos de café/ hectare*
Com polpa fermentada	2.187
Sel polpa	1.347
Com potassa	1.759
Sem potassa	1.775
Com fósforo	1.712
Sem fósforo	1.822

Pode observar-se que a polpa fermentada aumentou a produção em mais de 60 por cento; os outros tratamentos não tiveram efeito apreciável. Na Colômbia, durante 6 anos, compa-

raram-se cobertura morta, adubação mineral e polpa. A cobertura morta consistia em uma capa de 10 centímetros de material orgânico; como fertilizante mineral, aplicou-se 1 quilo, por ano, da mistura 8-8-8; finalmente, forneceu-se a polpa na razão de 20 litros por cova e por ano. As médias anuais, em quilos de café por hectare, foram as seguintes: testemunha (sem nenhum adubo), 2.204; cobertura morta, ... 2.069; adubo mineral, 2.333; polpa de café, 2.694. Também, neste caso se observa o valor da polpa como adubo.

A polpa pode ser usada de diversas maneiras, isto é, como composto, fresca e fermentada. O último processo deve ser o preferido. A produção de composto nem sempre é possível na fazenda de café por questões de tempo e de mão-de-obra. Por outro lado, o uso da polpa fresca, tal como é obtida, pode ser perigoso, uma vez que a elevação de temperatura que acompanha a fermentação poderia danificar o pé de café. A sua aplicação em forma já fermentada, bem decomposta, afasta êsses inconvenientes. (Suplemento Agrícola — S. Paulo 1-2-961)

REDUZ O JAPÃO AS TARIFAS ADUANEIRAS SÔBRE O CAFÉ

O Ministério das Finanças decidiu reduzir de 35 a 30 por cento as tarifas aduaneiras para café importado do Brasil e de outros países que se beneficiam das vantagens de nação mais favorecida.

Essa medida entrou em vigor a partir de 15 de março último. Foi concedida ao Brasil por ter abaixado suas tarifas aduaneiras sôbre celuloide, máquinas de costurar industriais e aparelhos fotográficos importados do Japão.

Colômbia, Venezuela, Etiópia, Malária e Indonésia, que forneceram em 1960 — 10.415 toneladas de café no valor de 3.045 milhões de yens ..... (8.460,000 dólares, aproximadamente) — beneficiaram-se também, enquanto Guatemala e El Salvador continuarão pagando 35%.

O preço médio do café importado (CIF) em 1959 era de 325 yens o quilo, cifra a que se acrescentavam 114 yens de direitos aduaneiros e 44 yens de taxa de consumo, ou seja o total de 483 yens. A redução de 5% sôbre as tarifas aduaneiras permitirá diminuir o preço do café a 465 yens o quilo.

ATOS OFICIAIS

NOVO GERENTE DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

O sr. Luís Fortunato Moreira Ferreira, representante da lavoura de café de São Paulo na Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café e ex-diretor dessa autarquia cafeeira, foi nomeado pelo Governador do Estado, por decreto de 24 de março último, para exercer, em substituição, o cargo de Gerente da Superintendência dos Serviços do Café, da Secretaria da Fazenda, durante o impedimento do sr. Lauro Pozzi, exercendo o mandato de prefeito do município de Piraçununga.

☆

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFE'

PORTARIA DE 11 DE MARÇO DE 1961

O Presidente da Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no uso de suas atribuições e em cumprimento às determinações do Exm° Sr. Presidente da República resolve:

N.° P. 127-61 — Nomear a seguinte Comissão para proceder à contagem, conferência, classificação e padronização dos cafés que constituem o estoque do IBC:

Presidente — Luís de Toledo Pisa Sobrinho, representante do Govêrno de São Paulo na Junta Administrativa do OBC e vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira:

Membros — Hugo da Silveira Antunes, dirigente da Escola de Classificação do IBC; Joaquim Antônio Barbosa Júnior, chefe da Seção de Fiscalização e Transportes da Agência de Santos;

Secretário-Geral — José Fernal, oficial administrativo do quadro do Ministério das Relações Exteriores.

Participarão da Comissão, como membros *ad hoc* um representante das organizações e entidades de classe (agrícola e comercial). das regiões nas quais se acham situados os armazéns.

A Comissão terá sede no IBC, e apresentará relatórios mensais, até o dia 10 (dez) de cada mês, ao Gabinete Militar da Presidência da República, aos Ministérios da Indústria e Comércio, da Fazenda e da Agricultura, ao Presidente do Banco do Brasil e ao Presidente do IBC.

O trabalho da Comissão constará de três fases:

1.ª — contagem dos estoques, com a verificação simultânea da existência dos cafés por qualidade e tipo, tal como registrados nos assentamentos do IBC. Nessa primeira fase devem ser imediatamente apuradas as despesas com o armazenamento e seguro e apresentadas sugestões para sua redução;

2.ª — Reclassificação dos estoques, para o que a Comissão apresentará plano com a estimativa das despesas;

3.ª — seleção e padronização dos estoques, para o que a Comissão contará com a assistência técnica e permanente da Comsisão de Seleção e Padronização do IBC (COSEP). — *Sérgio Armando Frazão,* Presidente.

RESOLUÇÃO N.º 184

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no âmbito das atribuições que lhe são conferidas por lei,

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica prorrogado, até 31 de março do corrente ano, o prazo para faturamento dos cafés objeto das operações de compra de que tratam as Resoluções n.ºs 167, 168, 169 e 170, tôdas de 7-7-1969, referido em seus arts. 11, 6.º, 7.º 7.º, respectivamente.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1961.

NEWTON PEREIRA DE PAIVA
Presidente, interino

RESOLUÇÃO N.º 185

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, tendo em vista o disposto nos artigos 1.º, 2.º, alíneas "d" e "c", e 3.º, itens 1, 4, 7, 10 e § 1.º, da Lei n.º 1779, de 22 de dezembro de 1952, e nas alíneas "d" e "e" das "Diretrizes de uma Política Cafeeira a Longo Prazo", recomendadas pela Junta Administrativa do IBC, em 29 de outubro de 1957.

RESOLVE:

a) declarar sem efeito a Resolução n.º 161, de 28 de abril de 1960, tendo em vista a comprovada necessidade de estudos mais completos sôbre a execução de um programa de incentivo governamental à instalação de usinas de café solúvel no País;

b) declarar anulada a concorrência aberta pelo edital publicado no Diário Oficial da União — Seção I — Parte II, de 30 de junho de 1960 — fls. 2233, de acôrdo com a 11.ª condição do mesmo edital;

c) determinar a imediata devolução das cauções aos concorrentes;

d) constituir uma comissão junto à Presidência do Instituto incumbida de proceder imediatamente a novo e completo exame do assunto e de elaborar um projeto de edital de concorrência, com a qual se dê cumprimento, com a maior urgência, ao programa de incentivo à instalação das referidas usinas de café solúvel, que o Govêrno tem o maior empenho em assistir, garantindo à iniciativa privada o mais amplo campo de liberdade de ação.

Rio de Janeiro, 22 de março de 1961.

SÉRGIO ARMANDO FRAZÃO
Presidente

RESOLUÇÃO N.º 186

A diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no âmbito das atribuições que lhes são conferidas por lei.

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica prorrogado até 30 de abril do corrente ano, o prazo para faturamento dos cafés objeto das operações de compra de que tratam as Resoluções n.ºs 167, 168, 169 e 170, tôdas de 7-7-1960, referido em seus arts. 11, 6.º 7.º e 7.º, respectivamente.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 29-3-1961

SÉRGIO ARMANDO FRAZÃO
Presidente

JUNTA ADMINISTRATIVA DO I.B.C.

RESOLUÇÃO N.º 168

A Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café usando das atribuições que lhe confere o art. 10. alínea "e" da Lei 1779, de 22-12-52, e tendo em vista proposição constante do processo n.º 2373, apresentada pela Comissão de Comercialização e aprovada em sessão plenária de 17-3-61, resolve:

Alterar o art., 43 e respectivo parágrafo, do Regulamento de Embarque para a safra 1960-61. que passa a ter a seguinte redação: "Art. 43 — A percentagem de liberação, nos portos. será determinada a critério da Diretoria, em função das necessidades dos mercados, não podendo, em qualquer hipótese, ultrapassar de 50% a que couber aos cafés remanescentes da safra 59/60.

Sala das Sessões, em 17 de março de 1961

F. PAULA SOARES NETO
Presidente
Delegado Especial do Govêrno Federal

RESOLUÇÃO N.º 169

A Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, usando das atribuições que lhe confere o art. 10, alínea "e" da Lei 1779, de 22-12-52, e tendo em vista proposição constante do processo n.º 2373, apresentada pela Comissão de Comercialização e aprovada em sessão plenária de 17-3-61, resolve:

Autorizar a Diretoria do IBC a aplicar, para os cafés da safra 60/61, com as necessárias cautelas e fundamentação, a disposição do art. 57 do atual Regulamento de Embarques, desde que os cafés assim liberados se destinem a pronta exportação.

Sala das Sessões, em 17 de março de 1961

F. PAULA SOARES NETO
Presidente
Delegado Especial do Govêrno Federal

QUOTAS DE EXPORTAÇÃO DO CONVÊNIO INTERNACIONAL DO CAFÉ

As quotas anuais revisadas para 1960/61, as quotas anuais anteriores para 1960/61 e as quotas relativas ao trimestre de Abril a Junho de 1961, para os países signatários do Convênio, são as seguintes:

(Em sacas de 60 quilos)

PAÍSES	Quotas para Abril/Junho, 1961	Quotas Anteriores, 1960/61	Quotas Revisadas, 1960/61
Brasil	4.500.000	17.431.000	17.431.000
Colômbia	1.040.000	5.969.000	5.969.000
Costa Rica	250.000	743.600	924.000
Cuba	53.696	312.000	312.000
Equador	64.532	455.000	572.000
El Salvador	472.850	1.355.000	1.355.000
Guatemala	323.851	1.249.600	1.249.600
Haiti	66.029	550.000	550.000
Honduras	79.094	272.800	272.800
México	558.008	1.408.000	1.408.000
Nicarágua	30.530	344.000	352.000
Panamá	7.945	22.000	22.000
Peru	16.973	404.800	404.000
Portugal	596.931	1.325.000	1.850.000
África Oriental Britânica	550.508	2.380.000	2.985.000
Zona do Franco	160.049	1.010.240	1.099.120
República Dominicana	78.938	440.000	440.000
Venezuela	140.079	660.000	660.000
Total	**8.990.199**	**36.332.040**	**37.856.320**

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DA COLÔMBIA
(1958/59 e 1959/60)

(Unidade: Saca de 60 quilos)

PAÍSES	1959/60	1958/59
Estados Unidos	4 413 991	4 822 913
Europa	1 411 240	1 227 167
Outros	194 789	125 720
TOTAL	6 020 020	6 165 800

FONTE: World Coffee & Tea

O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — N. YORK)

O artigo que transcrevemos, apresentando os resultados de uma investigação feita nos Estados Unidos por uma das mais importantes organizações de pesquisas do país, foi publicado no número de outubro da revista **Modern Office Procedures**, especializada em assuntos administrativos da indústria e do comércio:

A Pausa para o Café: sua importância nos Estados Unidos

Quer queiram quer não queiram os homens de negócios, a Pausa para o Café é uma realidade, nos Estados Unidos. Não há outro problema entre empregado e empregador que seja mais generalizado, que tenha sido mais fortemente denunciado ou que tenha sido escandalosamente motivo de maior abuso.

"É apenas uma desculpa para largar o trabalho!", é o que diz um gerente comercial. Mas outro administrador declara: "A Pausa para o Café tem uma grande influência moral: os trabalhadores realizam suas tarefas com maior esfôrço, compensando-nos mais, no fim de contas, pelo que lhes pagamos, em consequência da Pausa para o Café. Assim, parece que a solução do problema está num contrôle mais rígido da Pausa para o Café.

Até que ponto se acha difundida a Pausa para o Café? Nos últimos dez anos. sua popularidade duplicou entre os trabalhadores da indústria e do comércio, nos Estados Unidos. Em 1950, a Pausa para o Café era permitida em menos de 50% dos escritórios, ao passo que agora, como nossa investigação mostra, 94% de tôdas as companhias consentem que seus empregados de escritório façam uma "pausa" no serviço, pelo menos uma vez durante o dia, para tomar café ou uma bebida qualquer não alcoólica. Muitas emprêsas não gostam do costume, mas não podem fazer nada, exceto esperar que possam manter a Pausa para o Café dentro de limites razoáveis.

"Não gostamos da Pausa para o Café", afirma um gerente, "mas já é hábito tão inveterado em nossos escritórios que é impossível eliminá-lo."

O consumo do café, entre empregados de escritório, atinge a cifra assombrosa de 42.000.000 de xícaras por dia, isto é, 42.000.000 de interrupções no trabalho para se tomar café, não se contando os milhões de outras "pausas" feitas para o consumo de chocolate, de bebidas gasosas e sopas. Tomando-se como base uma "pausa" de dez minutos, são sete milhões de horas de trabalho perdidas por dia, só nos escritórios, por causa do café.

Justifica-se tal perda de tempo? Na opinião de 64% dos dirigentes de companhias, justifica-se. Dizem que a pausa do trabalho constitui uma parte efetiva no seu programa para estimular o moral dos empregados, de fato contribuindo para que os mesmos trabalhem mais produtivamente. Entre-

tanto, 29% dos dirigentes declaram que se trata de um mal necessário, que não produz benefícios, e 7% acham que se trata de simples desperdício de tempo e que a "pausa" devia ser abolida.

Apenas para vermos as duas maneiras pelas quais o problema é encarado, suponhamos que empregado de escritório, que ganha $90,00 por semana, gasta 20 minutos por dia em Pausas para o Café. Isso corresponde a 83 horas, mais ou menos, por ano, ou $186,75 em tempo remunerado. Multiplicando-se tal despesa para um escritório inteiro, vê-se que se trata de uma despesa considerável por parte da companhia. Por outro lado, estudos recentes indicam que uma Pausa para o Café pela manhã e outra pela tarde realmente aumentam a eficiência do empregado até mesmo 60% — o que mais do que compensa a perda de tempo sofrida pelo escritório.

A razão principal pela qual a Pausa para o Café tem ainda má fama está no fato de que as emprêsas, em grande parte, não procuram controlar a Pausa para o Café. Dos administradores entrevistados, 42% dizem que não limitam o tempo para a Pausa para o Café; 36% que limitam a Pausa a 15 minutos; 20% que não permitem Pausas de mais de 10 minutos; e 2% que não permitem Pausas de mais de 5 minutos. E 31% dos que fixem tempo para a Pausa dizem que não podem manter a Pausa dentro dos limites fixados.

Fazer um horário definitivo, ou não, para a Pausa para o Café, é uma questão que causa controvérsia. 65% dos empregados de escritório fazem Pausa para o Café qüando é oportuno, porque as firmas acham que assim o serviço anda melhor, o que se verifica especialmente nos pequenos escritórios, 81% dos quais, com menos de 10 empregados, não têm horário determinado para a Pausa para o Café, embora a sua Pausa para o Café tenha limites fixos. Nas companhias de mais de 150 empregados, a cifra correspondente é de 43% apenas.

Em 35% das emprêsas em que não há horário para a Pausa para o Café, 65% alteram a Pausa para o Café de seus empregados, de modo que êles não larguem todos juntos o serviço. Nesse caso, os grandes escritórios também têm sistemas rígidos. Nos escritórios com mais de 150 empregados, 85% estabelecem Pausas para o Café de maneira consecutiva, ao passo que apenas 35% dos escritórios pequenos, com menos de 10 empregados, fazem a Pausa para o Café, em rodízio.

Ademais, a Pausa para o Café não é mais apenas um costume matutino. Cêrca de 84% das emprêsas permitem Pausas pela manhã e pela tarde, e algumas até mais vêzes por dia ou sempre que os empregados o desejam. Sòmente 16% das emprêsas permitem apenas uma Pausa praa o Café por dia.

O local em que os empregados obtêm seu café ou suas bebidas gasosas têm muito que ver com o contrôle de tempo permitido para a "pausa". É muito mais difícil exercer êsse contrôle, quando os empregados têm que sair do escritório e ir a um restaurante, mas 20% aproximadamente das firmas permitem que seus empregados saiam. Nos escritórios de menos de 10 empregados, cêrca de 36% das firmas deixam os empregados sairem, nos grandes escritórios, de mais de 150 empregados, a cifra correspondente é de 4% apenas.

Uma das maneiras de fazer a Pausa para o Café é tomar o café feito no próprio escritório, em geral com pacotes de café obtidos nas máquinas de vender bebidas, preparando-se o café, em muitos casos, numa cafeteira para uso comum de todos. Em 37% das companhias, os empregados preparam seu próprio café.

Outra maneira favorita é a de obter o café em máquinas que fornecem a bebida já preparada. 19% das companhias dispõem dessas máquinas, e tanto maior o escritório, maior o uso de tais máquinas. Apenas 9% dos escritórios com menos de 10 empregados têm essas máquinas, ao passo que 45% dos grandes escritórios, com mais de 150 empregados, dispõem dessas máquinas. Das companhias que têm máquinas de vender café, 33% declaram que as máquinas facilitam o contrôle da Pausa para o Café.

Muitas emprêsas grandes — 35% — exigem que seus empregados façam a Pausa para o Café nas "Cafeterias" que elas têm, sendo 17% a média para tôdas as companhias.

Existe ainda outra maneira de se fazer a Pausa para o Café — com o fornecimento de serviço exterior de café, bebidas gasosas e biscoitos e doces. 7% das firmas assim têm a sua Pausa para o Café. Algumas delas até pagam pelo café servido a seus empregados em suas mesas.

Houve tempo em que era considerado com desfavor o comer ou beber na mesa dos escritórios, mas agora 66% das companhias consentem no costume. Muitos dirigentes esperam que os empregados, tomando seu café na própria mesa, continuem seu trabalho, dêsse modo não perdendo tempo. Muitas firmas não contam o café tomado à mesa do trabalho como uma Pausa para o Café.

Embora muitos administradores se queixem da Pausa para o Café, são poucos os que procuram banir o costume. Apenas 5% dêles declaram que planejam mais rígidos contrôles, embora 37% achem que se trata de um mau hábito. Terminar por completo a Pausa para o Café não parece ser uma solução prática. Do grupo de 6% das emprêsas que não permitem a Pausa, 32% foram emprêsas que permitiram antes a Pausa para o Café, mas que a eliminaram, porque os empregados abusaram do costume. Muitos dos administradores dessas emprêsas declaram que encontraram grande reação por parte dos empregados, quando as Pausas para o Café foram banidas.

A Pausa para o Café não é um problema de fácil solução, mas os administradores de escritórios devem compreender que se trata de um problema que não podem evitar e que devem procurar regular de maneira sensata. Eis aqui algumas regras para um sistema mais factível:

* Fornecimento de recursos para a obtenção de café e bolos nos escritórios, de modo que os empregados não tenham que sair para tal fim.

* Estabelecimento de limite de tempo para a Pausa para o Café, não se permitindo transgressões, ao ponto de serem despedidos os empregados reincidentes, os quais dão mau exemplo aos outros.

* Pausa para o Café em turmas, de modo que os empregados não saiam todos ao mesmo tempo de suas escrivaninhas, o que leva à formação de grupos em conversa longa.

* Estimular o costume da Pausa para o Café nas próprias mesas dos empregados, os quais, assim, continuam o trabalho enquanto tomam a bebida.

"Mantendo-se em linha os empregados que abusam da Pausa para o Café", declara um executivo, "empregados êsses que constituem minoria, não é difícil controlar o costume. É necessário convencer os empregados de que a Pausa para o Café é um privilégio e não uma coisa que as companhias devem aos empregados." (Carta Semanal n.º 1217 — 4-11-960)

A revista **Coffee Trade News**, editada pela "Coffee Publicity Association" de Londres, Grã-Bretanha, publicou em último número o seguinte artigo, intitulado:

"Mais um ano do café em Kenya":

O café de Kenya é muito conhecido no comércio cafeteiro britânico, tanto pela sua inerente boa qualidade como pelos esforços de publicidade levados a efeito pelo Representante em Londres da Junta do Café de Kenya. O Relatório Anual da Junta, que trata do período entre fevereiro de 1959 a março de 1960, dá informações sôbre os acontecimentos ocorridos na indústria do café em Kenya e indica que tanto a qualidade como a quantidade do café exportado continuarão como até agora.

A Junta do Café de Kenya, que tem sede em Nairobi, representa vários interêsses da indústria, da Junta de Comercialização do Café e do Govêrno. Os representantes da indústria se compõem de membros tanto da Área Oriental Eleitoral e da Área Ocidental Eleitoral como das Áreas Africanas.

A receita da Junta do Café, durante o ano em revista, foi de 107.082 libras ($299.829), e a despesa foi de 84.140 libras ($235.592), com um balanço favorável, portanto, de 22.942 ($64.237). Que a Junta se acha convencida da necessidade de incrementar a publicidade para a promoção do café é o que se pode avaliar pelo fato de que o orçamento para gastos com tal finalidade foi incrementado êste ano, sendo de 18.669 libras ($52.273).

Um elemento constante na situação do café nessas áreas africanas é o aumento tanto do número dos plantadores licenciados como da área de cultivo do café. O número dos cafeicultores, que era de 71.385 em 1958, passou a ser de 85.503 em 1959, e a área de cultivo, que era de 19.469 em 1958, passou a ser de 24.613 em 1959. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, em 1946, havia apenas 786 cultivadores licenciados e apenas 786 acres de plantação de café nas Áreas Africanas.

O total das safras da temporada de 1959/60, até a publicação do Relatório, foi de 23.394 toneladas, 4.689 das quais corresponderam às Áreas Africanas. As cifras correspondentes à temporada de 1958/59 foram de 23.356 para o total das safras e de 3.738 para as Áreas Africanas.

Depreende-se, pelo Relatório do "Liquoring Department" que as condições climatéricas, com períodos de sêca, contribuiram para a qualidade inferior da safra da temporada passada. Outra dificuldade observada foi a de que a usina de Mills não era adequada, tendo-se como entendido que será imensamente melhorado o tipo dos cafés com as novas intalações ora em andamento.

Outro fator importante para o melhoramento da qualidade da safra do café de Kenya é a intensa atividade de pesquisa levada a efeito sob os auspícios do Comitê Assessor de Pesquisa do Café. Os gastos feitos pelo Comitê durante o ano passado com pesquisas sôbre o café chegaram a 53.152 libras ($148.825), gastos êsses feitos com um programa variado, que incluem experiências, química agrícola, fisiologia e patologia do cafeeiro e processamento do café.

Essa pesquisa foi realizada na Estação de Pesquisa do Café e nos Laboratórios Agrícolas Scott, bem como em diversos sítios das zonas de plantação do café. Trabalhos importantes foram feitos em Jacaranda, na Fazenda Experimental de Rukera e na Estação Experimental de Kitale, bem como em outros locais de estudos agrícolas. Os trabalhos em questão incluem atividades variadas, tais como experimentos com fertilizadores, propagação, proteção contra as pestes e as doenças, experiências com novas variedades.

Embora essas pesquisas sejam de caráter fundamental, as tarefas são em parte devotadas aos problemas que requerem solução imediata, relacionados com as necessidades dos cafeicultores e do processamento da safra. Assim, o cafeicultor se acha seguro de que pode contar com ajuda prática, procurando melhorar os seus métodos de cultura e a qualidade da sua safra.

Uma assistência importante na consecução dêsses fins é a do recebimento de sementes de boa qualidade, aprovadas em testes. Durante a temporada a que se refere o Relatório, 6.008 libras de sementes de qualidade aprovada foram fornecidas aos plantadores europeus e 4.226 libras aos plantadores africanos. Outro aspecto valioso do trabalho realizado pelo Departamento é dos Serviços de Assessoria e de Extensão oferecidos de maneira regular aos cafeicultores, que assim se mantêm em constante contacto com o Departamento.

O pessoal do Departamento faz excursões regulares pelos distritos de cultivo do café, dando conselho e fazendo sugestões com relação a assuntos de particular interêsse, sempre que necessário. É interessante observar que inúmeros proprietários têm se valido dos serviços do Serviço Assessor de Irrigação, considerando-se agora a ampliação dêsse serviço.

Os dias de atividade do Serviço nas plantações de café são escolhidos de tal maneira que os experimentos nas Estações possam ser observados, com a apresentação de vários cursos especialmente organizados para os funcionários, os instrutores e os proprietários e gerentes das fazendas de cultivo do café.

Os problemas que têm sido durante longo tempo o objeto de consideração dos cafeicultores estão sendo tratados por uma unidade especial, "Coffee Berry Disease and Hemileia Research Unit", cujo relatório indica que durante o ano passado foram conseguidos progressos no combate às pestes e às doenças que atacam o café. Por exemplo, em seu trabalho contra a moléstia que afeta a cereja do café, essa Unidade está realizando 41 experiências, em diferentes partes do território, num total de 80 acres. Quanto à doença da ferrugem, estão sendo levadas a efeito pesquisas em oito locais diferentes, esperando-se excelentes resultados dêsses estudos.

Naturalmente, em consequência dêsses esforços, eventualmente será melhorada a qualidade do café e aumentada a quantidade da safra produzida em Kenya, daí resultando também o novo problema da colocação do produto tanto no mercado interno como nos mercados mundiais. Como todos os demais países produtores de café, Kenya tem que tomar em consideração o problema da superprodução no mercado internacional do café, e durante o ano em revista um membro da Junta do Café visitou os Estados Unidos e a Europa, como representante da indústria do café de Kenya.

Em lugar de tomar atitude negativa com relação à comercialização do seu café, a Junta tem, ao contrário, tomado uma iniciativa sensata de publicidade, tanto no país como no estrangeiro. Os esforços de publicidade de Kenya incluem a participação nas exibições agrícolas e a venda de café na "Coffee House" e no restaurante público do aeropôrto de Nairobi.

A Junta mantém estreitas relações com os outros dois produtores da África Oriental, Tanganica e Uganda, ademais de participar da "Coffee Industry Association of East Africa", associação que serve de útil propósito de promover uma aproximação mais estreita entre os três Territórios, especialmente no campo dos arranjos relacionados com a comercialização internacional do café.

O café de Kenya tem boa publicidade no Reino Unido, por meio do Escritório da Junta do Café em Londres, o qual realiza Semanas do Café de Kenya em várias cidades do país, e sem dúvida muitas outras cidades do Reino Unido estão na lista do Escritório para a realização da Semana do Café de Kenya, a qual consiste, em geral, de uma demonstração especial, com apresentação de uma vitrine, preparação do café e distribuição livre de amostras.

O representante da Junta de Kenya em Londres é membro do "Council of the Coffee Publicity Association", cujo trabalho é elogiado no Relatório. "O material de publicidade fornecido pela Associação", declara-se no Relatório, "indubitàvelmente desempenha um importante papel na Campanha ("Beba mais café") de promoção para o consumo do produto no país. Além disso, as demonstrações feitas para a preparação do café, levadas a efeito em todo o país, pela Associação, têm tido considerável sucesso. A Associação gosa de muito prestígio no comércio do café do Reino Unido".

O representante da Junta de Kenya em Londres, manifestando o seu reconhecimento, agradece a todos os setores do comércio do café no Reino Unido, pelo apôio que têm dado à Junta, cooperando com a mesma, e, sem dúvida nenhuma, o comércio do café do Reino Unido corresponderá ao agradecimento, continuando a cooperar com a Junta do Café de Kenya. (Carta Semanal n.º 1218 — 11-11-960)

☆

Estatísticas

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXVI | São Paulo, 25 de março de 1961 | N.º 423

SAFRA 1960/1961

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
Santos a Jundiaí	62 129	450	—	224	62 803
Sorocabana	982 891	3 624	1 687	1 509	989 711
Paulista	1 659 803	1 989	1 587	4 329	1 667 708
Mojiana	160 834	6 501	1 920	977	170 232
Araraquara	373 995	876	800	1 029	376 700
Bragantina	29 429	—	180	326	29 935
Noroeste do Brasil	633 024	805	—	383	634 212
São Paulo Minas	9 110	—	—	—	9 110
Central do Brasil	1 589	—	—	—	1 589
Estradas de Rodagem	1 018 611	9 981	9 165	5 516	1 043 273
Total	**4 931 415**	**24 226**	**15 339**	**14 293**	**4 985 273**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA O RIO DE JANEIRO

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	365	—	—	—	365
Comum	12 817	—	—	—	12 817
Cons. Int. S.S.	349	—	—	—	349
Exp. S.S.	175	—	—	—	175
Preferencial	94 714	1 653	656	1 263	98 286
Cons. Int. Pref. S.S.	5 038	—	—	—	5 038
Exp. Pref. S.S.	2 458	—	—	—	2 458
RODOVIÁRIO					
Cooperativa	2 429	—	—	514	2 943
Despolpado	—	—	—	123	123
Comum	139 889	1 517	1 145	603	143 154
Cons. Int. S.S.	4 808	—	—	—	4 808
Exp. S.S.	2 408	—	—	—	2 408
Preferencial	4 286	—	—	—	4 286
Total	**269 736**	**3 170**	**1 801**	**2 503**	**277 210**

Café Paulista despachado para Angra dos Reis

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	5 328	—	—	—	5 328
RODOVIÁRIO					
Cooperativa	9 640	260	—	—	9 900
Despolpado	505	—	—	217	722
Comum	400 302	8 724	2 391	1 892	413 509
Cons. Int. S.S.	10 440	—	—	—	10 440
Expurgo S.S.	5 209	—	—	—	5 209
Preferencial	12 956	—	—	502	13 458
Total	**444 580**	**8 984**	**2 391**	**2 611**	**458 566**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA NITERÓI

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
RODOVIÁRIO					
Comum	141 544	1 142	996	1 138	144 820
Cons. Int. S.S.	3 210	—	—	—	3 210
Expurgo S.S.	1 606	—	—	—	1 606
Total	**146 360**	**1 142**	**996**	**1 138**	**149 636**

CAFÉ PAULISTA DAS SÉRIES CONS. INT. E EXP. DESPACHADO PARA OS REGULARES

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
Consumo Interno	1 398 120	6 847	2 273	5 138	1 412 378
Expurgo	710 835	2 374	859	5 932	720 000
Total	**2 108 955**	**9 221**	**3 132**	**11 070**	**2 132 378**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR QUOTAS

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
Despolpado	148 187	348	35	399	148 969
Cooperativa	113 982	7 012	8 052	4 853	133 899
Preferencial	1 706 546	5 879	1 914	4 962	1 719 301
Cons. Int. Pref. S.S.	14 767	—	—	—	14 767
Exp. Pref. S.S.	7 240	—	—	—	7 240
Comum	3 733 166	24 283	10 526	10 331	3 778 306
Cons. Int. S.S.	45 451	—	—	—	45 451
Exp. S. S.	22 752	—	—	—	22 752
Consumo Interno	1 398 120	6 847	2 273	5 138	1 412 378
Expurgo	710 835	2 374	859	5 932	720 000
Total	**7 901 046**	**46 743**	**23 659**	**31 615**	**8 003 063**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA SANTOS

"PARANAENSE"

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	195	—	—	—	195
Cooperativa	13 397	—	—	—	13 397
Comum	1 746 529	13 990	14 127	4 915	1 779 561
Cons. Int. S. S.	2 737	—	—	—	2 737
Exp. S. S.	1 366	—	—	—	1 366
Preferencial	25 532	—	—	—	25 532
Cons. Int. Pref. S. S.	213	—	—	—	213
Exp. Pref. S. S.	106	—	—	—	106
RODOVIÁRIO					
Despolpado	14 607	—	—	—	14 607
Cooperativa	5 874	—	—	—	5 874
Comum	3 989	—	—	—	3 989
Cons. Int. S. S.	154	—	—	—	154
Exp. S. S.	77	—	—	—	77
Preferencial	67 895	205	—	—	68 100
Cons. Int. Pref. S. S.	4 724	—	—	—	4 724
Exp. Pref. S. S.	2 362	—	—	—	2 362
Total	**1 889 757**	**(*)14 195**	**(*)14 127**	**(*)4 915**	**1 922 994**

(*) Incompleto.

"MINEIRO"

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	4 178	—	—	—	4 178
Comum	18 362	350	—	—	18 712
Cons. Int. S. S.	60	—	—	—	60
Exp. S. S.	30	—	—	—	30
Preferencial	69 587	50	6	—	69 643
C. Int. Pref. S. S.	1 027	—	—	—	1 027
Exp. Pref. S. S.	514	—	—	—	514
RODOVIÁRIO					
Despolpado	81 466	134	26	52	81 678
Cooperativa	1 100	—	13	—	1 113
Comum	279	—	—	—	279
Cons. Int. S. S.	79	—	—	—	79
Exp S. S.	40	—	—	—	40
Preferencial	178 090	739	1 344	2 289	182 462
C. Int. Pref. S. S.	2 432	—	—	—	2 432
Exp. Pref. S. S.	1 340	—	—	—	1 340
Total	358 584	(*)1 273	(*)1 389	(*)2 341	363 587

(*) Incompleto.

"GOIANO"

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	31 633	—	—	—	31 633
Cons. Int. S. S.	599	—	—	—	599
Exp. S. S.	301	—	—	—	301
Preferencial	831	—	—	—	831
RODOVIÁRIO					
Despolpado	120	—	—	—	120
Preferencial	744	—	—	—	744
C. Int. Pref. S. S.	72	—	—	—	72
Exp. Pref. S. S.	36	—	—	—	36
Total	34 336	(*)—	(*)—	(*)—	34 336

(*) Incompleto.

"MATOGROSSENSE"

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	50 592	105	182	—	50 879
Preferencial	441	—	—	—	441
RODOVIÁRIO					
Preferencial	140	—	—	—	140
Despolpado	504	—	—	—	504
Total	51 677	(*)105	(*)182	(*)	51 964

(*) Incompleto.

CAFÉ FLUMINENSE — Rodoviário — 2.ª de Outubro-60: — 25 sacas "Despolpado"

CAFÉ DAS QUOTAS C. INTERNO E EXPURGO DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA OS REGULADORES DÊSTE ESTADO

Quotas	Julho-60/ Janeiro-61	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Total
PARANÁ					
Consumo Interno	190 880	—	—	—	190 880
Expurgo	57 493	15	—	8	57 516
MINAS GERAIS					
Consumo Interno	2 365	—	—	—	2 365
Expurgo	229	—	—	—	229
GOIÁS					
Consumo Interno	55	—	—	—	55
MATO GROSSO					
Consumo Interno	24 252	180	60	—	24 492
Expurgo	20 186	15	82	—	20 283
Total	295 460	210	142	(*)8	295 820

(*) Incomplet o

Movimento do café destinado a Santos

"DESPOLPADO"

SAFRA 1960 1961 (até 28 de Fevereiro de 1961)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
Julho 60 a 3.ª Janeiro 61	8 933	8 933	—
1.ª Fevereiro	—	—	—
2.ª „	—	—	—
3.ª „	—	—	—
Rodoviário	138 826	125 707	13 119
Total	**147 759**	**134 640**	**13 119**

"PREFERENCIAL"

Cons. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.

Dezenas	Preferencial	Cons. Int. Pref. S.S.	Expurgo Pref. SS.	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 60 a 3.ª Setembro 60	678 462	4 850	2 425	685 737	685 737	—
1.ª Outubro	38 970	—	—	38 670	38 690	280
2.ª „	33 054	—	—	33 054	33 054	—
3.ª „	25 905	—	—	25 905	25 207	698
1.ª Novembro	13 148	—	—	13 148	13 127	21
2.ª „	9 209	—	—	9 209	8 818	391
3.ª „	9 876	—	—	9 876	9 876	—
1.ª Dezembro	4 765	—	—	4 765	4 559	206
2.ª „	4 139	—	—	4 139	3 753	386
3.ª „	4 404	—	—	4 404	3 371	1 033
1.ª Janeiro 61	3 573	—	—	3 573	2 390	1 183
2.ª „	1 059	—	—	1 059	739	320
3.ª „	1 261	—	—	1 261	191	1 070
1.ª Fevereiro	1 345	—	—	1 345	—	1 345
2.ª „	180	—	—	180	—	180
3.ª „	2 079	—	—	2 079	—	2 079
Rodoviário	771 842	4 879	2 357	779 078	643 423	135 655
Total	**1 603 271**	**9 729**	**4 782**	**1 617 782**	**1 472 935**	**144 847**

"COOPERATIVA"

Quotas	Despachado	Liberado	A Liberar
Cooperativa — Ferroviário	777	777	—
Cooperativa — Rodoviário.....	120 279	73 330	46 949

"COMUM"

C. INTERNO S.S. — EXPURGO S. S.

Dezenas	Comum	Cons. Int. S.S.	Expurgo S.S.	Total	Liberado	A Liberar
Mês Julho-60 ..	383 849	10 251	5 126	399 226	399 226	—
1.ª Agôsto	162 611	3 310	1 655	167 576	167 576	—
2.ª „	166 644	3 706	1 853	172 203	172 091	112
3.ª „	196 222	4 649	2 355	203 226	154 922	48 304
1.ª Setembro...	144 721	2 804	1 402	148 927	—	148 927
2.ª „ ...	293 092	1 870	936	295 898	—	295 898
3.ª „ ...	404 762	—	—	404 762	—	404 762
1.ª Outubro.....	277 610	—	—	277 610	—	277 610
2.ª „	304 266	—	—	304 266	—	304 266
3.ª „	211 945	—	—	211 945	—	211 945
1.ª Novembro..	108 527	—	—	108 527	—	108 527
2.ª „ ..	89 156	—	—	89 156	—	89 156
3.ª „ ..	88 853	—	—	88 853	—	88 853
1.ª Dezembro ..	50 782	—	—	50 782	—	50 782
2.ª „ ..	43 567	—	—	43 567	—	43 567
3.ª „ ..	40 658	—	—	40 658	—	40 658
1.ª Janeiro-61 .	15 342	—	—	15 342	—	15 342
2.ª „	23 878	—	—	23 878	—	23 878
3.ª „	21 592	—	—	21 592	—	21 592
1.ª Fevereiro ..	12 900	—	—	12 900	—	12 900
2.ª „ ..	5 994	—	—	5 994	—	5 994
3.ª „ ..	6 698	—	—	6 698	—	6 698
Rodoviário.....	5 009	54	27	5 090	5 090	—
Total	3 058 678	26 644	13 354	3 098 676	898 905	2 199 771

"OUTROS ESTADOS"

Produtores	Despachado	Liberado	A Liberar
PARANÁ			
Comum — C. I. S. S. — Exp. S.S.	1 783 664	82 406	1 701 258
Comum — C. I. S.S. — Exp. S.S. Rodov.	4 220	1 370	2 850
Pref. — C. I. Pref. S.S. — Exp. Pref. S.S.	25 851	25 851	—
Pref. — C. I. Pref. S.S. — Exp. Pref. S.S. Rod.	75 186	71 075	4 111
Cooperativa	13 397	7 700	5 697
Cooperativa — Rodoviário	5 874	4 393	1 481
Despolpado	195	195	—
Despolpado — Rodoviário	14 607	13 569	1 038
MINAS GERAIS			
Comum — C. I. S.S. — Exp. S.S.	18 802	1 673	17 129
Comum — C. I. S.S. — Exp. S.S. Rodov.	398	398	—
Pref. — C. I. Pref. — E. Pref. S.S.	71 184	70 570	614
Pref. — C. I. Pref. — E. Pref. S.S. Rodov.	186 234	140 922	45 312
Cooperativa — Rodoviário	1 113	695	418
Despolpado	4 178	4 178	—
Despolpado — Rodoviário	81 678	69 806	11 872
GOIÁS			
Comum — C. I. S.S. — Exp. S.S.	32 533	7 804	24 729
Preferencial	831	231	600
Pref. — C. I. Pref. S.S. — E. Pref. S.S. — Rod.	852	454	398
Despolpado — Rodoviário	120	60	60
MATO GROSSO			
Comum	50 879	19 453	31 426
Preferencial	441	441	—
Preferencial — Rodoviário	140	140	—
Despolpado — Rodoviário	504	504	—
RIO DE JANEIRO			
Despolpado	25	25	—
Total	**2 372 906**	**523 913**	**1 848 993**

★

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DA NICARÁGUA DE JANEIRO A JULHO DE 1960 — Nos primeiros sete meses dêsse ano, as remessas de café para o exterior realizadas pela Nicarágua alcançaram a 309.509 sacas, acusando um aumento da ordem de 21,9% em relação a igual período de 1959, conforme revelam os dados divulgados pelo George Gordon Paton & Co. Os principais compradores, foram os seguintes: os Estados Unidos, com 165.904 sacas (53,6% do total e mais 23,3% do que de janeiro a julho de 1959); e a Alemanha Ocidental, com 81.590 sacas (26,4% do total e mais 13,9% do que nos primeiros sete meses de 1959).

Movimento de café destinado a Santos

"DESPOLPADO"

SAFRA 1959/1960 (Até 28 de Fevereiro de 1961)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª de Julho de 59 a 3.ª de Junho de 60 .	39 023	39 023	—
Rodoviário	152 306	151 766	540
Total	**191 329**	**190 789**	**540**

"PREFERENCIAL"

Cons. Int. Pref. S.S. — Exp. Pref. S.S.

Dezenas	Pref. C. I. Pref. SS. Exp. Pref. SS.	Transf. do Com.	Quotas C. Int. Pl.S.S. e Ep. SS. em def.	Comprado p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
Mês - Julho-59..	822 288	—	—	—	822 288	—
1.ª Agôsto	216 453	—	—	—	216 453	—
2.ª „	220 392	16 761	—	—	222 416	14 737
3.ª „	242 428	33 070	—	204	250 240	25 054
1.ª Setembro...	178 550	20 215	1 572	—	183 536	13 657
2.ª „ ...	195 257	28 385	—	—	202 515	21 127
3.ª „ ...	255 528	22 789	96	—	258 246	19 975
1.ª Outubro....	164 207	22 611	—	—	168 279	18 539
2.ª „	122 973	12 953	572	—	124 261	11 093
3.ª „	117 617	11 115	90	1 218	116 613	10 811
1.ª Novembro..	45 350	6 405	—	1 532	40 899	9 324
2.ª „ ..	59 657	6 611	924	1 661	53 806	9 977
3.ª „ ..	37 820	2 558	—	1 048	34 739	4 591
1.ª Dezembro ..	31 226	1 566	—	2 271	28 102	2 419
2.ª „ ..	23 690	1 616	—	460	22 189	2 657
3.ª „ ..	27 903	1 386	96	1 466	23 185	4 542
1.ª Janeiro 60..	7 725	—	173	—	6 639	913
2.ª „	12 399	—	—	525	10 340	1 534
3.ª „	9 113	1 862	78	250	9 169	1 478
1.ª Fevereiro ..	9 048	44	96	504	8 381	111
2.ª „ ..	6 094	756	—	116	5 834	900
3.ª „ ..	2 320	394	—	156	2 254	304
1.ª Março	1 128	—	—	348	180	600
2.ª „	640	—	—	—	509	131
3.ª „	1 592	—	—	258	1 274	60
1.ª Abri	276	—	—	—	276	—
2.ª „	1 168	—	—	168	1 000	—
3.ª „	2 097	200	—	138	1 420	739
Rodoviário.....	704 129	—	—	—	692 197	11 932
Total	**3 519 068**	**191 297**	**3 697**	**12 323**	**3 507 240**	**187 105**

NOTA: Do total do café liberado constam 19.301 sacas compradas pelo I.B.C.

"COMUM"

Cons. Int. S. S. — Exp. S.S.

Dezenas	Comum Cons. Int. S.S. Exp. S.S.	Transf. p/Pref.	Quotas C. Int. S.S. e E. SS. conv. em def.	Comprado p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 59 ...	462 166	—	—	—	462 166	—
2.ª „	382 099	—	—	—	382 099	—
3.ª „	540 426	—	—	—	539 426	1 000
1.ª Agôsto	468 976	—	—	—	467 626	1 350
2.ª „	458 683	16 761	39 234	79 213	256 086	67 389
3.ª „	500 466	33 070	62 744	105 436	136 118	163 098
1.ª Setembro...	269 081	20 215	19 390	69 639	86 102	73 735
2.ª „ ...	211 529	28 385	10 831	51 406	49 953	70 954
3.ª „ ...	218 171	22 789	15 421	54 089	53 965	71 907
1.ª Outubro....	149 657	22 611	7 987	50 528	20 649	47 882
2.ª „	146 103	12 953	23 919	61 157	12 462	35 612
3.ª „	187 359	11 115	30 349	80 003	16 609	49 283
1.ª Novembro..	74 669	6 405	12 294	33 873	3 959	18 138
2.ª „ ..	67 492	6 611	8 521	29 942	6 716	15 702
3.ª „ ..	42 066	2 558	5 217	19 720	6 447	8 124
1.ª Dezembro ..	32 006	1 566	4 199	13 707	3 769	8 765
2.ª „ ..	20 030	1 616	2 805	9 827	413	5 369
3.ª „ ..	15 614	1 386	1 515	9 282	1 023	2 408
1.ª Janeiro 60..	4 196	—	160	3 079	329	628
2.ª „	10 762	—	168	6 833	1 807	1 954
3.ª „	15 132	1 862	752	4 846	4 446	3 226
1.ª Fevereiro...	8 762	44	—	4 207	1 440	3 071
2.ª „ ...	3 986	756	—	849	295	2 086
3.ª „ ...	2 882	394	—	1 514	297	677
1.ª Março	1 922	—	—	560	529	833
2.ª „	2 070	—	—	1 650	—	420
3.ª „	596	—	—	215	120	261
1.ª Abril.....	192	—	—	156	—	36
2.ª „	—	—	—	—	—	—
3.ª „	3 887	200	—	—	84	3 603
Rodoviário.....	765 309	—	—	—	758 552	6 757
Total	**5 066 289**	**191 297**	**245 506**	**691 731**	**3 273 487**	**664 268**

Elimine as falhas de seu cafèzal. De nada vale possuir centenas de alqueires plantados, se em cada alqueire há numerosas falhas.

Cada falha constitui um **deficit.**

Cada falha é um roubo.

"OUTROS ESTADOS"

Produtores	Despachado	Transf. do Comum p/Pref.	Compr. p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
PARANÁ					
Comum — C. Int. SS. Exp. SS.	234 409	—40 060	36 757	87 613	69 979
Comum — C. Int. SS. Exp. SS. Rodoviário	96 906	—	—	95 120	1 786
Pref. — C. I. Pref. SS. E. Pref. SS.	126 492	+40 060	330	140 008	26 214
Pref. — C. I. Pref. SS. E. Pref. Rodoviário	118 318	—	—	117 951	367
Despolpado	3 819	—	—	3 819	—
Despolpado — Rodoviário	21 806	—	—	19 376	2 430
MINAS GERAIS					
Comum — C. Int. SS. Exp. SS.	23 628	— 834	90	7 839	14 864
Comum — C. Int. SS. Exp. SS. Rodoviário	43 721	—	—	41 629	2 092
Pref. — C. I. Pref. SS. – E. Pref. SS.	226 307	+ 834	600	211 070	15 471
Pref. — C. I. Pref. SS. – E. Pref. SS. Rodoviário	101 271	—	—	101 271	—
Despolpado	14 782	—	—	14 782	—
Despolpado — Rodoviário	73 360	—	—	73 238	122
GOIÁS					
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS.	182 457	— 4 182	33 251	131 123	13 901
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS. Rodoviário	41 440	—	—	41 440	—
Pref. — C. Int. Pref. SS. — E. Pref. SS.	84 340	+ 4 182	2 800	81 080	4 642
Pref. — C. Int. Pref. SS. — E. Pref. SS. Rodoviário	23 097	—	—	22 881	216
Despolpado — Rodoviário	98	—	—	98	—
MATO GROSSO					
Comum	26 083	—	7 794	15 217	3 072
Preferencial	524	—	—	524	—
Pref. — C. Int. Pref. SS. — Exp. Pref. S.S.	200	—	—	120	80
Despolpado — Rodoviário	843	—	—	843	—
ESTADO DO RIO DE JANEIRO					
Pref. — C. Int. Pref. SS. — E. Pref. SS. Rodoviário	30	—	—	30	—
Despolpado — Rodoviário	173	—	—	173	—
ESTADO DO ESP. SANTO					
Despolpado — Rodoviário	255	—	—	255	—
Total	1 444 359	—	81 622	1 207 500	155 237

NOTA: Do total de cafés Paranaense e Goiano liberados constam, respectivamente, 1.110 e 1.000 sacas compradas pelo I.B.C.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 31 DE OUTUBRO DE 1960

SAFRAS 1956/57 a 1960/61

Unidade: 1.000 sacas de 60 quilos

ESPECIFICAÇÃO	SAFRAS				
	1956/57	1957/58	1958/59	1959/60	1960/61
I — SALDO VERIFICADO EM 30/6:					
1) a liberar	2 874	60	3 573	3 102	6 887
2) estoque disponível nos portos	3 856	3 613	7 217	3 438	8 768
Total	**6 730**	**3 673**	**10 790**	**6 540**	**15 655**
II — CAFÉ REGISTRADO: (Julho a Outubro)					
1) Café de safras anteriores	30	16	404	21	41
2) Café de safra em curso	9 011	14 416	15 952	27 610	15 198
3) Café revertido aos mercados	—	7	253	1 139	1 644
Total	**9 041**	**14 439**	**16 609**	**28 770**	**16 883**
Total I e II	**15 771**	**18 112**	**27 399**	**35 310**	**32 538**
III — CONSUMO: (Julho a Outubro)					
1) exportação para o Exterior	6 734	6 565	6 047	6 951	6 176
2) comércio de cabotagem	116	154	206	220	412
3) consumo no Int. e industrializado	23	47	7	82	216
4) consumo nos portos	167	183	178	207	194
5) Café retirado dos mercados	—	5	4 549	310	426
Total	**7 040**	**6 954**	**10 987**	**7 770**	**7 424**
IV — EXISTÊNCIA GLOBAL: (Jul/Out.). (I e II — III)	8 731	11 158	16 412	27 540	25 114
V — CAFÉ DE SÉRIES EXCEDENTES: (Jul/Out.)					
1) Série de Consumo Interno(*)	—	—	4 732	8 225	2 982
2) Série de Expurgo	—	—	1 587	2 778	1 485
Total	**—**	**—**	**6 319**	**11 003**	**4 467**
VI — EXISTÊNCIA COMERCIÁVEL EM 31/10: (**) (IV — V)	8 731	11 158	10 093	16 537	20 647

NOTA: (*) Inclusive parte do consumo interno (III — 2,3)
(**) Inclui o café existente nos portos, Armazéns Reguladores e em trânsito.
As cifras referentes à safra 1960/61 estão sujeitas a retificação.

FONTE: I.B.C.

Exportação brasileira de café em Março de 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					Total Geral
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros Países	Total			
Santos	425 230	330 245	755 475	—	—	755 475
Rio de Janeiro	124 068	146 908	270 976	—	24 000	294 976
Paranaguá	290 087	25 638	315 725	—	27 400	343 125
Vitória	27 108	75 533	102 641	31	9 600	142 272
Angra dos Reis	19 926	10 090	30 016	—	—	30 016
Salvador	—	1 960	1 960	—	—	1960
Recife	1 000	3 898	4 898	—	—	4 898
Niterói	6 066	19 578	25 644	—	—	25 644
Florianópolis	—	—	—	—	—	—
Total	893 485	613 850	1 507 335	31	91 000	1 598 366

Café disponível nos portos de exportação em 31 de Março de 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE
Santos	3 902 133
Rio de Janeiro	1 678 010
Paranaguá	1 959 827
Vitória	348 284
Angra dos Reis	23 542
Salvador	32 704
Recife	9 783
Niterói	8 866
Total	**7 963 149**

Observação: Cifras sujeitas a retificação.

Fonte: I.B.C.

Exportação Brasileira de Café

SEGUNDO OS PAÍSES DE DESTINO

Dezembro e de Janeiro a Dezembro de 1960

I Café Crú

DESTINO	MÊS DE DEZEMBRO			MESES DE JANEIRO A DEZEMBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor rm mil Cr$
ÁFRICA	11 683	419	37 716	142 993	5 127	424 805
Argélia	—	—	—	10 020	314	23 932
Costa do Marfim	—	—	—	125	4	315
Marrocos	921	31	2 811	21 301	697	55 062
Moçambique	—	—	—	1 128	47	3 968
Rep. Árabe Unida	3 950	121	10 887	21 725	683	58 126
Rodésia & Niassa F.	90	4	334	415	17	1 474
Tânger	—	—	—	13 265	421	34 121
Tunísia	833	28	2 532	6 817	235	19 162
União Sul Africana	5 889	235	21 152	68 197	2 709	228 645
AMÉRICA CENTRAL e NORTE	715 977	30 448	2 739 424	9 674 705	415 623	34 432 632
Antilhas Holandesas	—	—	—	345	14	1 054
Canadá	16 071	704	63 367	293 554	12 809	1059 126
Estados Unidos	699 906	29 744	2 676 057	9 380 806	402 800	33 372 452
AMÉRICA DO SUL	54 102	1 870	168 333	569 649	20 298	1 709 859
Argentina	42 082	1 375	123 713	464 030	16 029	1 345 336
Chile	10 970	451	40 635	78 369	3 215	272 935
Paraguai	—	—	—	8 000	357	32 093
Uruguai	1 050	44	3 985	19 250	697	59 495
ÁSIA	15 175	551	49 551	203 765	7 953	690 414
China Cont.	—	—	—	1 666	74	5 645
Chipre	1 500	48	4 290	13 932	455	38 522
Filipinas	—	—	—	1 163	48	3 624
Hong Kong	—	—	—	40 000	1 786	160 776
Irã	—	—	—	100	3	251
Israel	—	—	—	28 152	1 237	111 101
Japão	5 837	261	23 506	42 740	1 912	163 772
Jordânia	1 147	37	3 303	6 813	216	18 726
Líbano	6 691	205	18 452	61 931	1 955	163 968
Turquia	—	—	—	7 268	267	24 029
EUROPA	562 877	23 623	2 125 606	6 220 118	263 402	22 090 667
Albânia	—	—	—	2 452	108	8 911
Alemanha Ocidental	74 822	3 306	297 395	801 473	35 211	2 983 061
Alemanha Oriental	22 340	925	83 239	247 463	10 902	908 199
Andorra	49	2	175	239	10	809
Áustria	10 219	423	38 055	55 667	2 284	197 825
Bélgica Lux.	41 313	1 693	152 290	358 758	14 465	1 221 036
Dinamarca	52 468	2 220	199 718	530 310	22 401	1 878 919
Espanha	2 349	90	8 078	127 763	5 478	455 251

(*Continua*)

(*Continuação*)

DESTINO	MÊS DE DEZEMBRO			MESES DE JANEIRO A DEZEMBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor rm mil Cr$
Finlândia	34 073	1 334	120 021	398 251	15 710	1 343 945
França	54 240	2 018	181 611	577 130	21 082	1 757 676
Gibraltar	1 437	43	3 879	20 114	632	52 418
Grécia	8 290	316	28 409	74 379	2 832	238 161
Holanda	22 875	959	86 248	279 998	12 127	1 000 843
Hungria	2 666	111	10 020	20 151	884	71 162
Irlanda	—	—	—	170	8	681
Islândia	—	—	—	24 300	1 022	82 282
Itália	30 303	1 268	114 106	719 369	30 898	2 502 851
Iugoslávia	24 878	1 013	91 157	138 752	6 096	506 870
Malta	—	—	—	375	13	1 149
Noruega	19 014	850	76 487	411 041	18 411	1 532 556
Polônia	333	14	1 287	51 729	2 410	202 712
Reino Unido	11 715	517	46 553	162 064	6 835	582 547
Rumânia	—	—	—	11 383	555	42 180
Suécia	91 910	4 084	367 536	867 871	38 656	3 252 870
Suíça	1 250	56	5 015	48 185	2 138	177 363
Tchecoslováquia	3 000	148	13 284	40 731	1 763	146 002
União Soviética	53 333	2 223	201 043	250 000	10 471	942 388
OCEÂNIA	**17**	**1**	**68**	**7 753**	**341**	**28 616**
Austrália	17	1	68	7 400	325	27 346
Nova Zelândia	—	—	—	353	16	1 270
Total	1 359 831	56 912	5 120 698	16 818 983	712 744	59 376 993

II Café Industrializado

DESTINO	MÊS DE DEZEMBRO			MESES DE JANEIRO A DEZEMBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor rm mil Cr$
Café Solúvel						
AMÉRICA DO SUL						
Paraguai	—	—	—	106	3	581
Café Torrado						
AMÉRICA DO NORTE						
Canadá	—	—	—	6	0	26

Fonte: I.B.C.

Movimento de café, do estoque disponível, em Santos

FEVEREIRO DE 1961

DIAS	Liberado	Autorizado para embarque	Vendido	Retirado	Revertido	Embarcado	Estoque Disponível
1.....	11 763	32 046	30 999	—	—	28 759	3 309 348
2.....	3 649	13 965	43 732	—	—	12 102	3 300 895
3.....	8 817	3 200	24 961	—	—	—	3 309 712
4.....	934	6 954	21 988	—	—	—	3 310 646
6.....	4 146	16 080	16 031	—	—	53 984	3 260 808
7.....	1 350	17 360	41 982	—	—	6 482	3 255 676
8.....	3 650	27 935	35 228	—	—	—	3 259 326
9.....	1 524	10 682	23 692	—	—	—	3 260 850
10.....	6 327	36 702	38 848	54	54	80 659	3 186 518
11.....	7 035	26 919	9 170	—	—	—	3 193 553
15.....	240	8 086	8 566	—	—	—	3 193 793
16.....	7 144	50 599	69 711	—	—	30 460	3 170 477
17.....	1 594	28 194	111 842	—	—	52 589	3 119 482
18.....	4 147	10 933	26 966	58 013	—	30 499	3 035 117
20.....	32 792	23 526	30 635	—	—	13 084	3 054 825
21.....	23 973	24 231	92 476	—	—	31 247	3 047 551
22.....	33 059	34 232	54 366	—	—	29 492	3 051 118
23.....	21 565	20 598	49 278	—	—	22 528	3 050 155
24.....	19 846	30 670	36 210	121 447	—	39 385	2 909 179
25.....	4 867	24 171	34 035	—	—	10 461	2 903 585
27.....	59 769	30 206	43 049	—	—	32 908	2 930 446
28.....	84 169	65 836	66 702	—	—	8 327	3 006 288
Total...	342 370	543 125	910 467	179 514	54	482 966	—

CAFÉ SOLÚVEL

NAS FILIPINAS, o café solúvel terá mais uma fábrica, começando a operar em abril. Projeta-se a exportação do produto para o Japão, Coréia, Tailândia, Singapura, Austrália e Nova Zelândia. Conquanto as Filipinas sejam um país importador de café já têm exportado o produto em pequenas quantidades, recentemente. A sua exportação de café preparado, principalmente solúvel, passou de 811 libras, em 1958, para 8 618 libras em 1959.

Cotações de café no disponível de Santos, Rio de Janeiro e Vitória

FEVEREIRO DE 1961

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos R. - Tipo 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	613 50	601 50	590 00	490 00	420 00
2	615 00	600 00	590 00	490 00	420 00
3	618 50	600 00	590 00	490 00	420 00
4	618 50	600 00	590 00	—	—
6	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
7	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
8	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
9	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
10	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
11	616 50	600 00	590 00	—	—
15	617 50	600 00	590 00	—	420 00
16	617 50	600 00	590 00	490 00	420 00
17	617 50	600 00	590 00	490 00	420 00
18	617 50	600 00	590 00	—	—
20	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
21	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
22	616 50	600 00	590 00	490 00	420 00
23	618 50	600 00	590 00	490 00	420 00
24	619 00	600 00	590 00	490 00	420 00
25	619 00	600 00	590 00	—	—
27	620 00	600 00	590 00	490 00	420 00
28	620 00	600 00	590 00	490 00	420 00
Mínima	613 50	600 00	590 00	490 00	420 00
Média	617 25	600 68	590 00	490 00	420 00
Máxima	620 00	601 50	590 00	490 00	420 00

Os meses de novembro a janeiro — em pleno período chuvoso — são os mais propícios para o plantio de cafeeiros novos. O solo deve ser prévia e convenientemente preparado: arações e gradeamentos adequados.

Cotações de Café Brasileiro no Disponível de Nova York

Em cents. por libra-pêso (453,60)

FEVEREIRO DE 1961

DIAS	SANTOS				RIO
	Tipo 2/3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2/3 Disp. N. Y.	Tipo 4 Disp. N. Y.	Tipo 7 Disp. N. Y.
1	34.75	34.50	37.25	36.75	—
2	34.75	34.50	37.25	36.75	—
3	34.75	34.50	37.25	36.75	—
6	34.75	34.50	37.25	36.75	—
7	34.75	34.50	37.25	36.75	—
8	34.75	34.50	37.25	36.75	—
9	34.75	34.50	37.75	37.50	—
10	35.00	34.75	37.75	37.50	—
14	35.00	34.75	37.75	37.50	—
15	35.00	34.75	37.75	37.50	—
16	35.00	34.75	37.75	37.50	—
17	35.00	34.75	37.75	37.50	—
20	35.00	34.75	37.75	37.50	—
21	35.00	34.75	37.75	37.50	—
23	35.00	34.75	37.75	37.50	—
24	35.00	34.75	37.75	37.50	—
27	35.00	34.75	37.75	37.50	—
28	35.00	34.75	37.75	37.50	—
Mínima	34.75	34.50	37.25	36.75	—
Média	34.95	34.65	37.58	37.25	—
Máxima	35.00	34.75	37.75	37.50	—

★

O plantio do café deve ser racionalizado desde o início: escolha do solo, do clima e da semente. O modo de plantio e o de alinhamento devem ser os mais indicados pela moderna técnica agronômica. Evitar as queimadas. Defender o solo contra a erosão. Adubar racionalmente. Irrigar, se possível. Colhêr e secar cuidadosamente. Com tôdas essas medidas ter-se-á boa média de produção, um café de qualidade, cafeeiros sadios e duráveis, solo sempre fértil, cafeicultura rendosa.

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents por libra-pêso (453,60) — Contrato "B"

FEVEREIRO DE 1961

DIAS	MARÇO - 1961		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	36.55	36.61	35.70	35.70	35.10	35.00	34.25	34.00	33.60	33.45
2	36.50	36.30	35.50	35.45	34.85	34.71	33.85	33.76	33.39	33.21
3	36.50	36.40	35.25	35.30	34.75	34.61	33.80	33.75	33.20	33.20
6	N/Cot.	36.60	N/Cot.	35.60	N/Cot.	34.85	33.94	34.05	33.42	33.51
7	36.90	36.61	35.75	35.60	35.20	35.00	34.28	34.11	33.65	33.60
8	36.90	36.81	35.70	35.76	35.10	35.05	34.20	34.31	33.60	33.60
9	N/Cot.	37.20	36.00	36.10	35.15	35.20	34.45	34.40	33.75	33.79
10	37.25	37.35	36.20	36.25	35.25	35.25	34.40	34.52	34.00	33.85
14	37.65	37.35	35.90	36.40	N/Cot.	35.43	34.70	34.64	34.05	33.92
15	37.25	37.35	36.35	36.35	35.55	35.39	34.65	34.59	33.94	33.92
16	N/Cot.	37.41	36.20	36.35	35.60	35.36	34.70	34.40	33.95	33.94
17	37.30	37.89	36.40	36.56	35.45	35.60	34.60	34.59	33.95	33.94
20	38.00	37.55	36.75	36.66	35.75	35.75	34.70	34.59	33.95	33.95
21	37.75	37.80	36.61	36.79	35.75	35.88	34.60	34.68	33.97	34.01
23	37.90	37.93	36.85	36.95	36.00	36.05	34.75	34.90	34.20	34.19
24	38.09	37.85	36.99	37.00	36.10	36.25	35.00	35.10	34.30	34.26
27	N/Cot.	37.75	37.20	36.90	36.25	36.24	35.25	35.11	34.30	34.33
28	,,	37.72	37.00	37.01	36.24	36.19	35.25	35.13	34.35	34.36
Mínima	36.50	36.30	35.25	35.30	34.75	34.61	33.80	33.75	33.20	33.20
Média	37.27	37.25	36.26	36.70	35.50	35.43	34.52	34.42	33.87	33.84
Máxima	38.09	37.93	37.20	37.01	36.25	36.25	35.25	35.13	34.35	34.36

COTAÇÕES DE CAFÉ NÃO BRASILEIRO EM NOVA YORK

MÊS DE FEVEREIRO DE 1961 — Em cents por libra-pêso (453,60)

PROCEDÊNCIA	SANTOS				
	1	8	15	23	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelim Excelso	45.00	44.50	44.63	43.63	44.44
Armênia	45.00	44.50	44.63	43.63	44.44
Manizales	45.00	44.50	44.63	43.63	44.44
COSTA RICA:					
Hard	41.00	41.00	41.00	41.00	41.00
Atlantic fino	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
EQUADOR:					
Lavado	36.50	37.00	(2) 37.00	(2) 37.00	36.88
Extra não lavado	29.50	29.00	(2) 29.00	(2) 29.00	29.13
GUATEMALA:					
Antigua	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
Bourbon	„	40.75	(2) 40.75	40.75	40.75
Extra primeira	39.50	39.25	39.25	39.25	39.31
Lavado bom	39.25	39.00	39.00	39.00	39.08
HAITÍ:					
Lavado bom mole	39.00	39.00	38.50	38.50	38.75
Catado a mão	35.50	33.50	33.50	33.75	33.56
HONDURAS					
Lavado bom	40.50	40.50	(2) 40.50	(2) 40 50	40.50
Tipo 5 — Comum duro	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
MÉXICO:					
Coatepec	42.50	42.50	42.50	42.50	42.50
Tapachula primeira	39.00	39.00	39.00	38.50	38.88
NICARÁGUA:					
Matagalpa	N/Cot.	39.00	(2) 39.00	(2) 39.00	39.00
Lavado bom	„	38.50	38.50	(2) 38.50	38.50
EL SALVADOR:					
Central Standard	39.25	39.25	39.50	39.50	39.25
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole	37.50	37.50	37.00	37.75	37.44
Fino	39.00	39 00	38.00	38.50	38.63
VENEZUELA:					
Táchiras	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	40.50	40.50	N/Cot.	N/Cot.	40.50
Natural robusta	20.00	20.00	19.75	19.75	19.88
MOCA:					
Moca arábia	41.00	41.00	41.00	41.00	41.00
INDONÉSIA:					
Genuíno lavado	54.00	54.00	54.00	54.00	54.00
UGANDA:					
Lavado	19.50	18.63	18.25	18.75	18.78
ETIÓPIA:					
Harrar	36.50	36.50	N/Cot.	N/Cot.	36.50
Djima	34.75	34.75	34.75	34.75	34.75
COSTA DO MARFIM:					
Courant robusta	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	18.00	18.00

Observação: 2) As cotações acima se referem à "Desembarcado a vista liquido".

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

MÊS DE FEVEREIRO DE 1961

I — MERCADO OFICIAL — VENDAS A VISTA

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	53 12 36	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 10
2	53 13 11	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 21
3	53 13 11	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 47
4	53 11 79	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 47
6	53 11 79	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 47
7	53 08 01	18 92 00	4 39 25	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 00 96
8	53 08 01	18 92 00	4 39 25	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 00 96
9	53 08 57	18 92 00	4 39 34	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 00 96
10	53 09 52	18 92 00	4 39 34	0 68 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 00 96
11	53 08 76	18 92 00	4 39 34	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 76	5 00 96
16	53 08 76	18 92 00	4 39 34	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 76	5 00 96
17	53 03 84	18 92 00	4 38 55	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 39	5 00 00
18	53 03 84	18 92 00	4 38 24	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 42	4 99 89
20	53 03 84	18 92 00	4 38 24	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 42	4 99 89
21	53 02 90	18 92 00	4 38 05	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 56	4 99 89
22	53 01 01	18 92 00	4 38 05	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 56	4 99 89
23	53 01 38	18 92 00	4 38 05	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 58	4 99 70
24	53 01 38	18 92 00	4 38 05	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 56	4 99 70
25	52 98 92	18 92 00	4 37 71	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 40	4 99 49
27	52 98 92	18 92 00	4 37 71	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 40	4 99 49
28	52 95 71	18 92 00	4 37 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 40	4 99 15
Mínima	52 95 71	18 92 00	4 37 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 40	4 99 15
Média	53 05 46	18 92 00	4 38 80	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 72	4 99 93
Máxima	53 13 11	18 92 00	4 39 83	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 47

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

MÊS DE FEVEREIRO DE 1961

II — MERCADO OFICIAL — COMPRAS A VISTA

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suíça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	51 48 69	18 36 00	4 25 99	0 64 28	N/Cot.	1 66 53	N/Cot.	3 55 58	4 85 62
2	51 49 43	18 36 00	4 25 99	0 64 28	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 73
3	51 49 43	18 36 00	4 25 99	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 99
4	51 48 14	18 36 00	4 25 99	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 99
6	51 48 14	18 36 00	4 25 99	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 99
7	51 44 47	18 36 00	4 25 60	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 49
8	51 44 47	18 36 00	4 25 60	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 49
9	51 45 02	18 36 00	4 25 69	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 49
10	51 45 94	18 36 00	4 25 69	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 58	4 85 49
11	51 45 21	18 36 00	4 25 69	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 36	4 85 49
16	51 45 21	18 36 00	4 25 69	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 36	4 85 49
17	51 40 43	18 36 00	4 24 92	0 64 26	„	1 66 53	„	3 54 99	4 84 56
18	51 40 43	18 36 00	4 24 63	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 03	4 84 45
20	51 40 43	18 36 00	4 24 65	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 03	8 84 43
21	51 39 51	18 36 00	4 24 45	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 16	4 84 43
22	51 37 68	18 36 00	4 24 45	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 16	4 84 01
23	51 38 05	18 36 00	4 24 45	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 16	4 84 26
24	51 38 05	18 36 00	4 24 45	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 16	4 84 26
25	51 35 66	18 36 00	4 24 12	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 01	4 84 06
27	51 35 66	18 36 00	4 24 12	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 01	4 84 06
28	51 32 54	18 36 00	4 23 57	0 64 26	„	1 66 53	„	3 55 01	4 83 73
Mínima	**51 32 54**	**18 36 00**	**4 23 57**	**0 64 26**	—	**1 66 53**	—	**3 54 99**	**4 83 73**
Média	**51 42 50**	**18 36 00**	**4 25 12**	**0 64 26**	—	**1 66 53**	—	**3 55 32**	**4 84 98**
Máxima	**51 49 43**	**18 36 00**	**4 25 99**	**0 64 28**	—	**1 66 53**	—	**3 55 58**	**4 85 99**

ÍNDICE

COLABORAÇÕES:

J. L. Vasconcelos Rocha e A. Carvalho — Estudo da produção de progênies de café 4

Valter Lazzarini — Programa de melhoria da cafeicultura brasileira 5

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Política cafeeira do Brasil — (Palestra pronunciada pelo eng. agrônomo Ruy Miller Paiva, no Centro de Debates Agronômicos, durante o Curso sôbre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, patrocinado pela Sociedade Paulista de Agronomia e realizado nos meses de outubro-novembro do ano último.) 14

A polpa do café como adubo — E. Malavolta 21

ATOS OFICIAIS:

Novo Gerente da Superintendência dos Serviços do Café do Café: Portaria — 11-3-1961. Resoluções n.ºs 184, 185 e 186, de 28 de fevereiro e de 22 e 29 de março de 1961, respectivamente. Junta Administrativa do I.B.C.: Resoluções n.ºs 168 e 169, de 17 de março de 1961 23-25

Quotas de exportação do Convênio Internacional do Café 26

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Bureau Pan-Americano do Café — N. Y. — novembro de 1960.) 27

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 423, de 25 de março de 1961 34

Posição estatística do café no Brasil em 31 de outubro de 1960 45

Exportação brasileira do café em março de 1961 46

Café disponível nos portos de exportação em 31 de março de 1961 46

Exportação brasileira de café — segundo os países de destino — dezembro e janeiro a dezembro de 1960 47

Movimento de café, do estoque disponível, em Santos — fevereiro de 1961 49

Cotações de café no disponível de Santos, Rio de Janeiro e Vitória — fevereiro de 1961 50

Cotações de café brasileiro no disponível de Nova York — fevereiro de 1961 51

Cotações de café a têrmo em Nova York — fevereiro de 1961 52

Cotações de café não brasileiro em Nova York — fevereiro de 1961 53

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado oficial — vendas a vista — fevereiro de 1961 54

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Oficial — compras a vista — fevereiro de 1961 55

Movimento de café na praça de Santos — fevereiro de 1961 ..... APENSO

Balancete da Receita e Despesa do Patrimônio do Instituto de Café do Estado de São Paulo — junho de 1960 ..... APENSO

Movimento de café na praça de Santos

FEVEREIRO DE 1961

DIAS	ENTRADA POR PROCEDÊNCIA					Total	ENTRADA POR VIAS			Embarcado	Retirado	Revertido	Est Fís
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense		E.F.S.J.	E.F.S.	Rodovia				
1.....	—	—	—	—	—	259	—	—	259	14 813	—	28	4 81
2.....	—	—	—	—	—	616	—	—	616	12 269	—	29	4 80
3.....	—	—	—	—	—	1 610	—	—	1 610	3 873	—	38	4 79
4.....	—	—	—	—	—	448	—	—	448	29 828	—	15	4 76
6.....	3 428	1 201	—	—	—	5 366	4 629	—	737	21 962	—	21	4 75
7.....	—	—	—	—	—	2 219	—	—	2 219	28 432	—	39	4 72
8.....	4 889	126	—	360	—	6 544	1 631	3 744	1 169	27 817	—	136	4 70
9.....	5 316	—	—	—	—	6 003	3 354	1 962	687	23 748	—	69	4 68
10.....	—	—	—	—	—	3 520	—	—	3 520	13 406	—	66	4 67
11.....	—	—	—	—	—	2 125	—	—	2 125	15 238	—	34	4 66
15.....	—	—	—	—	—	1 164	—	—	1 164	2 299	—	—	4 66
16.....	39 112	—	476	770	—	42 476	20 010	20 348	2 118	3 460	—	311	4 70
17.....	33 580	—	500	1 008	1 120	37 680	21 206	15 002	1 472	32 204	—	324	4 70
18.....	33 284	—	—	—	1 554	36 208	19 838	15 000	1 370	26 882	—	49	4 71
20.....	29 597	105	1 000	3 240	1 309	37 550	20 251	15 000	2 299	48 630	—	236	4 70
21.....	27 726	646	1 864	4 614	630	37 665	20 359	15 121	2 185	26 915	—	76	4 71
22.....	32 552	231	—	3 040	595	36 827	11 416	25 002	409	35 374	—	49	4 71
23.....	30 007	240	500	2 833	1 442	36 654	10 022	25 000	1 632	34 729	—	1 656	4 72
24.....	27 707	60	314	5 754	1 155	35 387	5 969	29 021	397	27 635	—	59	4 73
25.....	18 644	—	—	13 465	2 345	34 671	8 818	25 636	217	2 279	—	2	4 76
27.....	8 622	—	—	—	—	10 868	7 579	1 043	2 246	7 100	—	74	4 76
28.....	20 750	—	—	—	—	21 521	20 750	—	771	6 544	—	27	4 78
Total ..	315 214	2 609	4 654	35 084	10 150	397 381	175 832	191 879	29 670	445 337	—	3 338	—

IMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO
0 DE JUNHO DE 1960

DESPESA

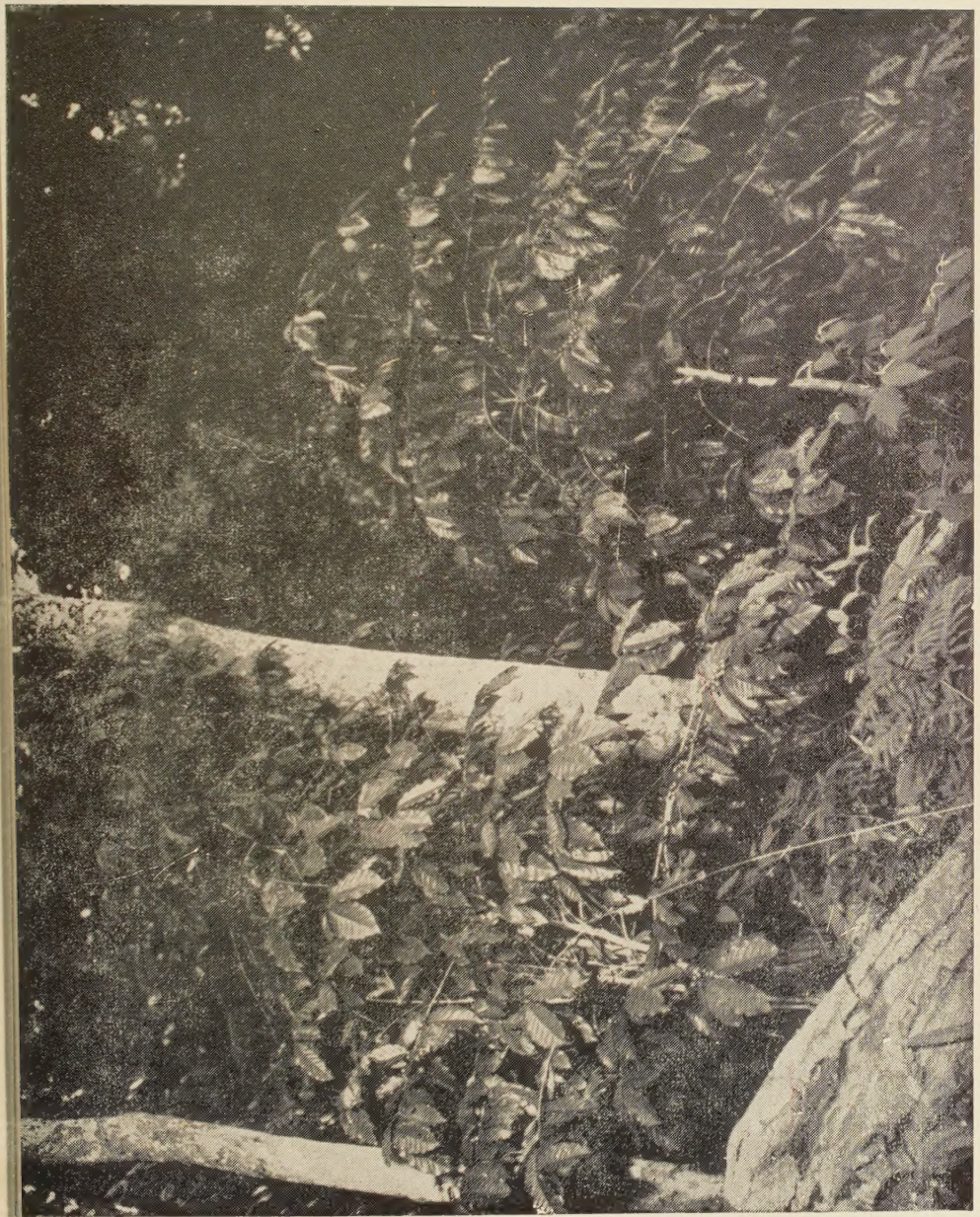
	Cr$	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Fundada	19.525.837.30		
Encargos Diversos	164.467,90		
Administração Imobiliária .	4.178.560,60		
Administração	3.704.166,10	27.573.031,90	
CRÉDITOS ADICIONAIS			
Créditos especiais			
Decreto n.o 36.367 de 9-3-1960		10.000.000,00	37.573.031,90
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a pagar — 1958		98.514,80	
Restos a pagar — 1959		38.625.410,30	
Depósitos		182.746,40	
Diversos		10.352.715,60	49.259.387,10
			86.832.419,00
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Bancos		304.465.044,00	
Em Caixa		488.045,20	
Suprimentos		10.000,00	304.963.089,20
			391.795.508,20

ontabilidade, em 30 de junho de 1960

a da Fazenda, 8.8-1990
TRIO VIEIRA DANESE
da Secretaria da Fazenda
or — C.R.C. — SP. 476

Visto :

GARCIA NEVES DE MORAES FORJAZ JUNIOR
Gerente, Substituto



Simplify Your Coffee Problems

Use

More

INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A.